



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO EM
LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS) / LÍNGUA PORTUGUESA**

LETÍCIA HILDEBRAND MAGNO

**PREFERÊNCIA POR DIRECIONALIDADE NA INTERPRETAÇÃO DO PAR
LINGUÍSTICO LIBRAS-PORTUGUÊS: ANÁLISE DIALÓGICA DOS DICURSOS
DE ESTUDANTES DA GRADUAÇÃO E DE INTÉRPRETES PROFISSIONAIS**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**SÃO CARLOS
2024**

LETÍCIA HILDEBRAND MAGNO

**PREFERÊNCIA POR DIRECIONALIDADE NA INTERPRETAÇÃO DO PAR
LINGUÍSTICO LIBRAS-PORTUGUÊS: ANÁLISE DIALÓGICA DOS DISCURSOS
DE ESTUDANTES DA GRADUAÇÃO E DE INTÉRPRETES PROFISSIONAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado ao curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais (Libras) / Língua Portuguesa da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel sob a orientação do Prof. Dr. Marcus Vinicius Batista Nascimento.

SÃO CARLOS
2024

FOLHA DE APROVAÇÃO

“A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso”

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me dado o direito à vida e por chegar até aqui com saúde. Seus ensinamentos me guiam e me orientam para ser uma pessoa melhor a cada dia.

Ao meu pai, que sempre me incentivou e proporcionou acesso ao estudo que não teve, que me ensinou a correr atrás dos meus objetivos. Sua força e bondade estarão comigo, ainda que não esteja presente nesse plano (espero que esteja orgulhoso).

Agradeço às minhas famílias, família de sangue (Hildebrand's e Magno's) e a família que ganhei do meu marido. Em especial minha mãe Patrícia, avôs e avós, tios e tias, primos e irmãos, não os nomeio individualmente, pois tive a sorte de tê-los em grande número.

Ao meu marido e a família dele, por terem me incentivado a voltar a estudar depois de um tempo ocioso, num momento ruim, desses que passamos em vida. Sem o "empurrão" de vocês, eu não estaria aqui.

Aos amigos por terem tornados os dias mais leves (desculpem a ausência, logo eu volto).

Ao meu filho Caio, minha inspiração para lutar por meus objetivos, espero que possamos sonhar e viver muitos sonhos juntos. Você é o que me move!

Ao meu marido Caio, por acreditar em mim quando até eu mesma duvidava e pela paciência, amor e cuidado nos momentos de estresse.

Ao meu orientador Vinicius e demais professores do curso que vêm me proporcionando aprendizados enriquecedores. Como um dia alguém me disse: conhecimento é a única coisa que levamos dessa vida e que ninguém nos tira.

A todos que contribuíram para me tornar o que sou hoje, a todos que nunca desistiram de mim e me apoiaram de perto ou longe, dedico este trabalho a vocês.

É necessário quebrar os padrões
É necessário abrir discussões
Alento pra alma, amar sem portões
Amores aceitos sem imposições
Singulares, plural

(Etérea – Criolo)

RESUMO

MAGNO, Leticia Hildebrand. Preferência por direcionalidade na interpretação do par linguístico Libras-português: análise dialógica dos discursos de estudantes da graduação e de intérpretes profissionais. 73 fl. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Bacharelado em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais (Libras) / Língua Portuguesa. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2024.

A pesquisa possui como objetivo geral analisar discursos sobre direcionalidade na interpretação no par linguístico Libras-português de uma estudante da graduação de tradução e interpretação e de uma profissional intérprete experiente. Articulando pesquisas no campo específico e emergente ETILS com a perspectiva dialógica da linguagem fundamentada por Bakhtin e o Círculo, busca-se explorar as dimensões formativas e intersubjetivas do profissional, sem desconsiderar aspectos socioculturais e os efeitos da modalidade da língua. Como objetivos específicos, esta pesquisa propõe (i) elaborar uma comparação qualitativa entre as preferências dos dois perfis, correlacionando as informações obtidas; (ii) trazer uma análise discursiva das entrevistas realizadas; (iii) promover uma discussão acerca da preferência e o momento histórico de formação e atuação/práticas. Foi realizada entrevista semiestruturada individual de modo remoto, com uma estudante do curso TILSP (UFSCar) regularmente matriculada no último período e uma intérprete atuante há no mínimo 5 anos, mas sem formação específica na área. Com base nos resultados observados/encontrados através da transcrição e análise vertical e horizontal dos enunciados, percebe-se que o processo formativo impacta a preferência na direcionalidade devido o processo de aquisição da língua estar mais ligada à uma relação biunívoca entre as duas línguas. Com isso propomos uma reflexão às instituições formativas e intérpretes, atuantes e em formação, para que se atentem às competências necessárias requeridas na interpretação, independente de qual direcionalidade nos referimos. Presumimos que a efetividade linguística inerente ao trabalho do intérprete bilíngue bimodal, perpassa transformações sociais e metodológicas de ensino na esfera acadêmica.

Palavras-chave: Interpretação; Libras; Português; Direcionalidade; Língua de Sinais;.

ABSTRACT

MAGNO, Leticia Hildebrand. *Preference for directionality in the interpretation of the Libras-Portuguese language pair: dialogic analysis of the discourses of undergraduate students and professional interpreters*. 73 fl. Course Conclusion Paper (Graduation) – Bachelor's Degree in Translation and Interpretation in Brazilian Sign Language and Portuguese. Federal University of São Carlos, 2024.

The research's general objective is to analyze discourses about directionality in interpretation between professional Libras-Portuguese interpreters and undergraduate students of Libras-Portuguese translation and interpretation. Articulating research in the specific and emerging field of study ETILS with the dialogical perspective of language founded by Bakhtin and the Circle, we seek to explore the formative and subjective dimensions of the professional, without disregarding sociocultural aspects and the effects of language modality. As specific objectives, this research proposes (i) to prepare a qualitative comparison between the preferences of the two groups, correlating the information obtained; (ii) bring a discursive analysis of the interviews carried out; (iii) promote a discussion about preference and the historical moment of training and performance/practices. An individual semi-structured interview was carried out remotely, with a student of the TILSP course (UFSCar) regularly enrolled in the last period and an interpreter who has been working for at least 5 years, but without specific professional training in the area. Based on the results observed/found through the transcription and vertical and horizontal analysis of the statements, we propose a reflection to institutions and interpreters, active and in training, so that they pay attention to the necessary skills required in interpretation, no matter which directionality we refer to. We assume that the linguistic effectiveness inherent to the work of the bimodal bilingual interpreter permeates social and methodological transformations of teaching in the academic sphere.

Keywords: Interpretation; Brazilian Sign Language, Portuguese, Sign language; Directionality.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Identificação das participantes

Quadro 2: Proposta de transcrição Tabela NURC-SP

Quadro 3- Representação da Metodologia de análise (Campos 2018; Britto 2021)

Quadro 4: Síntese das entrevistas (análise vertical)

LISTA DE ABREVIATURAS

ETILS -Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais

ILS- Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais

LIBRAS -Língua Brasileira de Sinais

LS – Língua de Sinais

NURC-SP- Projeto Norma Urbana Culta da Cidade de São Paulo

PROLIBRAS- Exame Nacional para Certificação de Proficiência em LIBRAS

TCC -Trabalho de Conclusão de Curso

TILS- Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais

UFSCar- Universidade Federal de São Carlos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1 O pensamento bakhtiniano	14
2.3 Status linguístico: monoacentuação x plurilinguismo	16
2.3 Sujeito Bilíngue	18
3. METODOLOGIA	21
3.1 Metodologia de coleta	22
3.2 Metodologia de análise	25
4. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	26
4.1 Análise da verticalidade	26
4.1.1 Entrevistado perfil 1	26
4.1.2 Entrevistado perfil 2	33
4.1.3 Sínteses das análises	41
4.2 Análise na horizontalidade	43
4.2.1 Processo de aquisição da Libras como L2	43
4.2.2 Motivação para tornar-se tradutor-intérprete profissionalmente	45
4.2.3 Contextos de uso da língua	46
4.2.4 Auto-avaliação em relação a compreensão e produção em Libras	47
4.2.5 Conceito de direcionalidade e preferência	50
4.2.6 Direcionalidade e demandas	52
4.2.7 Estratégias interpretativas pautadas em ambas as direcionalidades	53
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61
7. ANEXOS	66

1. INTRODUÇÃO

Estudos recentes, como o de Martins e Nascimento (2015), apontam que o perfil de tradutores e intérpretes em Libras vêm se modificando com o passar dos anos. Concomitantemente a demanda por esse tipo de serviço se desloca de espaços religiosos e associativos para alcançar outros lugares onde sua atuação é atravessada por aspectos mais profissionalizantes como a formação, a remuneração e o trabalho em equipe:

O campo de trabalho que cresce e se estabelece com as políticas públicas de inclusão social, tende a ser cada vez mais amplo e a demandar, com cada vez mais frequência, profissionais para assumir os espaços ampliados de atuação (Nascimento; Martins, 2015, p. 26).

Se em um primeiro momento as práticas realizadas em contextos religiosos e voluntários foram importantes para dar visibilidade à língua de sinais, a legislação fortemente influenciada pelos movimentos surdos, assegurou e promoveu a garantia de acessibilidade social abrindo portas para a institucionalização da profissão de tradutor e intérprete, constituída historicamente na informalidade. Considerando que “o intérprete se molda às demandas da prática e vai constituindo-se como TILS nas e pelas experiências vivenciadas” (Lacerda; Gurgel, 2001, p. 3), com a ampliação das demandas nos mais diversos espaços, desde os socioeducacionais até os artísticos-culturais, discute-se as necessidades de formação do profissional em articulação com as possíveis áreas de atuação, destacando uma urgente reformulação no currículo acadêmico por parte das universidades que ofertam o curso de graduação Bacharelado em Tradução e Interpretação.

Alguns pesquisadores (Ferreira, 2015; Rodrigues, 2018; Zampier e Gonçalves, 2020) mapearam os cursos ofertados pelas universidades federais e suas respectivas matrizes curriculares evidenciando uma diversidade nos componentes exigidos durante a formação. Atenta-se ao fato de que estes cursos não exigem proficiência em Libras como pré-requisito para ingresso ao mesmo tempo em que o perfil do público-alvo perpassa por transformações, constituindo-se em sua maioria por pessoas que entram na faculdade sem terem contato com a Libras, tampouco com a comunidade surda. Mais recentemente, Aro e Martins (no prelo) trazem em sua pesquisa o mapeamento do perfil de graduandos de um curso de graduação no campo da tradução e interpretação da Libras, bem como o impacto da pandemia na visibilidade midiática da profissão, apontado como fator determinante para a escolha do curso por quase 50% dos participantes, que ingressaram entre 2021 e 2023, os quais possuem motivação e interesse profissional não mais caritativo. Logo, espera-se que as propostas dos

cursos em questão contemplem o aprendizado da Libras como segunda língua juntamente com o treinamento teórico-prático do “como interpretar”. Propiciar a aquisição e o desenvolvimento da competência comunicativa no par linguístico e da competência tradutória de caráter intermodal (Rodrigues, 2018), indissociáveis para o efetivo aprendizado, é um desafio para as instituições acadêmicas, que precisam lidar com uma heterogeneidade de contextos e indivíduos.

Segundo o grupo PACTE (Process in the Acquisition of Translation Competence and Evaluation) que, vale ressaltar, não trabalhou, em sua formulação primeira, com as línguas de sinais, há um conjunto de competências especializadas que se espera que o tradutor em formação, adquira ao longo de sua atuação. Dentre essas competências, encontra-se a subcompetência denominada “bilíngue”, ligada ao “conhecimento das línguas de trabalho e a capacidade de se evitar a transferência, ou seja, de uma língua influenciar a outra durante a tradução” (PACTE, 2011). De certo, algumas subcompetências que se espera que o indivíduo adquira na atividade tradutória, se assemelham com as almejadas na interpretação, todavia essas subcompetências se organizam e se desenvolvem de formas e em momentos diferentes, visto que são duas tarefas distintas quanto a restrição temporal, influenciando no processo e no produto (Camargo, 2014). A partir dos estudos desenvolvidos por Gile (1995), Camargo (2014) propõe a construção da competência interpretativa em dois momentos: anterior ao evento e no momento de atuação, demonstrando que a aquisição da subcompetência linguística, neste caso, deveria anteceder à aprendizagem da interpretação, o que a difere da tradução.

Quando nos referimos especificamente às línguas de sinais, uma língua gesto-visual, poderíamos acrescentar a habilidade relativa à intermodalidade, ou ainda, “subcompetência bilíngue intermodal” (Rodrigues, 2018). Apesar de semelhanças com o bilinguismo monomodal, em que o sujeito precisa lidar com diferenças linguísticas, na estrutura e no vocabulário de duas línguas diferentes, mas de modalidades iguais, o indivíduo bilíngue bimodal deve atentar-se aos efeitos da intermodalidade durante o processamento da linguagem. Um desses efeitos, também caracterizado como estratégia, é o *code-blending*, ou sobreposição de códigos, possível apenas na interpretação entre uma língua oral e uma língua de sinais. Se trata da coprodução de sinais e de palavras (faladas), que detêm relação semântica, ou seja, diferente do *code-switching*, que consiste na alternância de códigos, a sobreposição ocorre simultaneamente (Rodrigues, 2018).

Essa e outras estratégias adotadas pelos ILS são advindas dos saberes adquiridos na prática e dos saberes disciplinares aprendidos na instituição acadêmica, ou seja, ainda que não tenham passado por uma graduação em nível superior na área, os intérpretes assim constituídos pela vivência com a comunidade surda, se utilizam de recursos para auxílio de seu trabalho. Segundo Nascimento (2016) atualmente, o público dos cursos de graduação, de extensão universitária e de pós-graduação *lato sensu*, que promovem a formação de tradutores e intérpretes de Libras-LP, podem ser divididos em dois tipos: pessoas que desconhecem a Libras e os meios de interpretar e, pessoas que tem experiência na atuação como intérprete, mas que buscam aprofundar e/ou formalizar seu conhecimento. A perspectiva da profissionalização por meio da formação em nível superior consolidada através da legislação, com destaque para o Decreto nº 5.626 (2005) e, mais recentemente, a atualização da Lei nº 12.319/10, que foi alterada pela Lei nº 14.704/23 que passou a determinar o nível superior para o exercício da profissão não apenas impulsionou a abertura de cursos de graduação, como também contribuiu para a expansão do campo e conseqüentemente do mercado de trabalho.

Com base nas mudanças que vêm ocorrendo no cenário acadêmico brasileiro no que remete aos perfis dos graduandos, buscamos investigar se há preferência por determinada direcionalidade de interpretação, direta – Libras>português – ou indireta – português>Libras, analisando discursos/entrevistas com intérpretes de perfis diferentes, tecemos reflexões e possíveis relações entre o processo formativo na universidade e o processo formativo na comunidade. Este estudo, nesse sentido, possui como objetivo geral, analisar discursos sobre direcionalidade na interpretação no par linguístico Libras-português de uma estudante da graduação de tradução e interpretação que esteja regularmente matriculada no último ano e que tenha concluído dois estágios obrigatórios e uma profissional intérprete com no mínimo 5 anos de experiência que não possua formação acadêmica na área de tradução e interpretação. Como objetivos específicos, esta pesquisa propõe (i) elaborar uma comparação qualitativa entre as preferências dos dois perfis, correlacionando as informações obtidas; (ii) trazer uma análise discursiva das entrevistas realizadas; (iii) promover uma discussão acerca da preferência e o momento histórico de formação e atuação/práticas.

Este projeto se enquadra como um estudo para que o tema, ainda pouco investigado, fomenta futuras pesquisas na área, contribuindo para a consolidação do campo disciplinar ETILS.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A presente pesquisa apoia-se teoricamente no campo Estudos da Tradução e Interpretação em Língua de Sinais (ETILS), com base nas contribuições dos principais pesquisadores da área (Rodrigues, 2013, 2018; Nascimento, 2016; Ferreira 2010; Pavlovic, 2007; Nicodemus e Emorrey, 2013) nos quais buscamos nos apropriar de conceitos como bilinguismo bimodal, efeitos da intermodalidade da língua no processo interpretativo e outros relativos à direcionalidade de interpretação. Conjuntamente aos ETILS relaciona-se esta pesquisa com a concepção de linguagem desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin, centrada no plurilinguismo e heterodiscurso, que se define como “discurso de outro na linguagem do outro” (Bakhtin 2015, p. 113). Essa citação cabe perfeitamente no papel do intérprete como mediador de discurso, quando suas palavras comumente são confundidas como discurso próprio, ainda que o contexto da atuação reflita seu posicionamento axiológico e o discurso traduzido carregue sua assinatura.

2.1 O pensamento bakhtiniano

Nas palavras de Bakhtin (2003) todo enunciado revela enunciados de outros, pois são respostas a enunciados ditos previamente. Por isso, eles são passíveis às diversas interpretações de sentido e valores de quem os enuncia que, por sua vez, são sempre sujeitos, responsáveis e responsáveis nas interações em que estão envolvidos:

Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos (Bakhtin, 2011, p. 294-295).

No caso do intérprete de língua de sinais (ILS), que trabalha com uma língua cuja materialidade se constitui no corpo como um todo (Rodrigues, 2018), como um texto que vai além do suporte da língua, mas que também é atravessado por questões étnico-raciais, de gênero, de classe, de orientação sexual (Cabello, 2020; Nascimento, *no prelo*) sua autoria é indissociável de sua imagem. Essa questão é mais evidente quando a direcionalidade da interpretação é português>Libras, visto que o produto, a interpretação, pode ser registrado por meio de vídeos (um dos efeitos da intermodalidade linguística) em alguns contextos e em outros não, mas que a presença corporal pode determinar a tônica das relações. Isso

inevitavelmente implica na performance corpórea-visual do intérprete, que como parte constitutiva do discurso, está sujeito ao julgamento avaliativo. Assim, a atividade do intérprete caracterizada como ideológica instaura relações de poder momentâneas, fazendo com que assuma diferentes posições enunciativas a depender do contexto da interação, “faz emergir seu discurso a partir do outro, mas também se manifesta ativamente, ou seja, produz seu conhecimento por meio de seu ponto de vista” (Ramos, 2010, p. 9).

Seguindo essa abordagem, o intérprete na interação com seu público-alvo, àquele a quem se dirige, se posiciona como mediador linguístico, discursivo e cultural, edificando uma ponte enunciativa-discursiva entre sujeitos que desconhecem a língua um do outro (Nascimento, 2013). A necessidade de ser compreendido pelo outro no momento da interpretação permite a construção de uma interlocução presumida e concreta que materializa, então, o endereçamento do discurso interpretado:

Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário; (...) levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias - tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele (Bakhtin, 2011, p. 302).

É nesta relação com o outro, ouvinte ou surdo, objetivando um entendimento claro, que o intérprete construirá o seu discurso (a fala em função do outro), motivando suas escolhas linguísticas, sobre isso, Bakhtin e Volochinov pontuam que “a relação valorativa do falante com o objeto do seu discurso (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado” (2006, p. 289). Seja a interlocução real ou presumida, no caso de interpretações em eventos transmitidos online ou jornalísticas, por exemplo, ainda assim é possível traçar um perfil hipotético do público-alvo, direcionando o discurso para que os atinja e utilizando as melhores estratégias, ou seja, “mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor” (Bakhtin/Volochinov, 2009, p. 116). Além da dinâmica dialógica característica dos enunciados, estes seriam influenciados não só pela relação entre os sujeitos, como também pela esfera comunicativa onde se materializa, dando origem ao que chama de gêneros discursivos, “tipos relativamente estáveis de enunciados” (Bakhtin, 2008, p. 281-282).

Analisar a interpretação sob a perspectiva dialógica, como Brait (2014) afirma, é assumir que os sentidos do enunciado vão sendo construídos ao longo da interação discursiva com outros enunciados (dialogismo interdiscursivo) e sobre outras circunstâncias comunicativas. Na relação com os destinatários da interpretação, é possível perceber

simultaneamente ou posteriormente a depender da situação, através de expressões faciais/corporais ou até mesmo do silêncio, o *feedback* do público. A assimilação de tais respostas pelo intérprete, podem vir a influenciar seu discurso de modo positivo ou negativo, demonstrando sua atitude responsiva frente as escolhas tradutórias, o que Bakhtin chama de atos responsáveis: "nossas práticas discursivas não são neutras, e envolvem escolhas (intencionais ou não) ideológicas e políticas, atravessadas por relações de poder, que provocam diferentes efeitos no mundo social" (Molon e Vianna, 2012, p. 156).

2.2 Status linguístico: monoacentuação x plurilinguismo

Há diversos autores (Pochhaker, 2006; Esteves, 2009; Silva e Martins, 2013; Silva, 2014) que discutem criticamente qual seria o peso da interferência ideológica no ato enunciativo-interpretativo e até que ponto prejudicaria a [utópica] imparcialidade; dentre eles alguns pontuam, e é essa perspectiva que adotaremos, que ser intérprete é também assumir um “papel social” (Jerez, 2007), sem desconsiderar que "um enunciado absolutamente neutro é impossível" (Bakhtin/Volochinov, 2006, p. 289). Os pares linguísticos com os quais se trabalha, também interferem nesta relação, já que as interpretações que envolvem as línguas de sinais (LS) implicam na relação entre línguas majoritárias e minorizadas. Nesta última se enquadram, a Libras, que independente do contexto de atuação, comunitário ou não, são visualizadas como inferiores, marginalizadas e num passado não muito distante, perseguidas e banidas. O status linguístico que uma língua carrega em si, está fortemente ligada ao seu valor mercadológico e a uma visão hegemônica atrelada à camada social na qual está inserida. O que você diz/interpreta e o lugar que ocupa (posição social) estão interseccionados nessa atividade qualificada como ética, administrada por sujeitos discursivos por natureza.

O confronto constante do eu-para-mim, do outro-para-mim e eu-para-outro, configuram em movimento dialógico nas relações entre os sujeitos. O uso da linguagem, de acordo com a perspectiva bakhtiniana, é fundamentado no conceito da alteridade: “o sujeito só se enuncia e se constitui falante graças à extraposição que ocupa em relação aos outros” (Nascimento, 2021, p. 7), evidenciando o caráter discursivo do sujeito, alterados por essas interações. Quando nos referimos a comunidade surda, reconhecemos que há diferentes formas de existência, uma multiplicidade de identidades, consolidando cada ato de enunciação único, não apenas porque “o outro” são vários, cada um com suas singularidades, mas

também porque o espaço-tempo em que a materialização das palavras ocorre, nunca será o mesmo.

O contraste entre línguas de diferentes índices valorativos, efeito direto das estruturas sociais impostas pelas classes dominantes, que lutam contra a multiacentuação linguística, implicam nas condições comunicacionais e nos espaços de uso e circulação da língua; se por um lado temos uma diversidade de línguas orais-auditivas amplamente reconhecidas e historicamente fortalecidas, as línguas de sinais se incluem no rol de línguas desprestigiadas e historicamente oprimidas. De modo geral, as línguas que não encontram um padrão instituído de escrita, são vistas como minorizadas. A pluralidade linguística é defendida por Bakhtin em “O discurso no romance” (2015) e exemplificada através do conceito de valoração da língua que tem suas raízes na estratificação social, temporal, profissional etc. É de interesse das classes dominantes (*forças centrípetas*) conter as multiplicidade de acentos, ou seja, apagar e reprimir os diferentes valores sociais e avaliativos em torno do signo ideológico, logo, a monoacentuação é usada como estratégia para impor uma visão de mundo única e inquestionável:

Em todo signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditórios. O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes. Esta plurivalência social do signo ideológico é um traço da maior importância. Na verdade, é este entrecruzamento dos índices de valor que torna o signo vivo e móvel, capaz de evoluir (Bakhtin/Volochinov, 2009, p. 47).

No caso específico das línguas de sinais, produzidas gestualmente e incorretamente confundidas com “gestos sem nexos” ou mímica, sem qualquer base conceitual, seu simples uso configura-se como fator de exclusão social. Quadros e Karnopp (2004), desmitificam essa e outras características atribuídas às línguas de sinais, evidenciando suas particularidades que a distingue de outros sistemas e concebendo-a como língua natural: “Os seres humanos podem utilizar uma língua de acordo com a modalidade de produção e percepção desta: modalidade oral-auditiva e modalidade visuoespacial” (Quadros e Karnopp, 2004, p. 20). Decorre dessa propriedade fundamental articulatória-perceptual, diferenças entre línguas vocais e línguas de sinais, além de outras especificidades relativas à estruturação das línguas (Rodrigues, 2018), logo, a direcionalidade na interpretação acarretará implicações sobre o processo intermodal. O que nos interessa neste estudo, são questões ligadas aos efeitos da intermodalidade no par linguístico Libras-português, com foco na interpretação, já que o *corpus* da nossa pesquisa foi constituído exclusivamente de entrevistas com uma estudante do

curso TILSP e uma intérprete bilíngue bimodal que trabalha com o par linguístico acima referenciado.

2.3 Sujeito bilíngue

A condição do sujeito caracterizado bilíngue se dá em diversas instâncias, por variados motivos e em diferentes momentos da vida. É um fenômeno que reflete a interferência de um conjunto de variáveis, como *anos de experiência*, no funcionamento do processo cognitivo em relação ao uso das duas línguas, podendo causar alternância ou interferência. Outro aspecto relevante no que remete à aquisição de uma segunda língua, refere-se às situações do uso concreto e de que forma ela [a língua] é assimilada pelo sujeito bilíngue, se as práticas reais de interação acontecem dentro do contexto familiar, escolar, midiático etc. As habilidades linguísticas que o indivíduo poderá desenvolver, bem como seu conhecimento enciclopédico, se submete aos espaços de aprendizado e contato com pessoas surdas falantes daquela língua; conhecer os aspectos culturais atrelados a língua, o próprio contato com a comunidade surda, foi fator determinante e constitutivo dos primeiros intérpretes de Libras.

Para além das modalidades da língua, olhar para a experiência bilíngue bimodal de cada indivíduo particularmente significa consentir que há múltiplas vivências envolvidas no processo de aprendizado e que cada pessoa carrega uma bagagem de mundo diversificada, logo a relação de sentido entre signo e sujeito sempre atravessará a intersubjetividade. Nesta pesquisa, defendemos a visão de que o conceito de bilinguismo não é algo fechado, concreto, levando em conta que há uma heterogeneidade de experiências, a fluência linguística se dá em diferentes níveis (Mozzilo, 1997; Grosjean, 2008) assim como a proficiência raramente é a mesma em ambas as línguas de trabalho, nunca igual a um falante nativo daquele idioma (de acordo com os linguistas referenciados acima, dominar pelo menos uma habilidade linguística mesmo que em grau mínimo, enquadraria o sujeito como um *continuum* bilíngue, aceitando a condição de transição entre estágios variados e não estáticos).

Cabe-nos distinguir a diferença entre fluência e proficiência, justificando a escolha da terminologia que foi adotada para o desenvolvimento desta pesquisa. Para tal finalidade, usamos um recorte (2006) da dissertação de Pereira (2008) feito pela própria autora junto à Fronza, onde elucida que “ser fluente não significa, necessariamente, ser proficiente em uma língua; por outro lado, para ser proficiente linguisticamente, é preciso, dentre outras habilidades, ser fluente” (2008, p. 53). A definição de fluência e proficiência por vezes se

confundem, já que ambas são associadas a capacidade de comunicar-se efetivamente. Assim como as línguas orais, a fluência nas línguas de sinais está relacionada à velocidade, frequência e duração das pausas; um enunciado onde os movimentos que compõe os sinais fluem de forma harmônica e rápida (com variações, é claro), além da capacidade espontânea do interagir, difere-se de proficiência linguística, pela não exigência da compreensão gramatical. Já a proficiência linguística, para além da competência gramatical, compreende outros aspectos como a capacidade sociolinguística, discursiva e estratégica (Canale e Swain, 1980; Canale, 1983). E é este último termo que utilizaremos ao longo do trabalho.

Essa afirmação é corroborada através dos estudos de Nicodemus e Emorrey (2013) sobre a preferência por direcionalidade de intérpretes de inglês e ASL. Os autores apresentam uma discussão acerca das assimetrias entre bilíngues monomodais e bilíngues bimodais. Nos resultados da referida pesquisa (quantitativa), realizada através de um questionário auto avaliativo analisado sob a Escala Likert, os níveis de proficiência tanto em L1 quanto em L2, separadamente divididos em produção e compreensão, mostraram que intérpretes monomodais percebem-se mais proficientes na sua segunda língua em comparação com intérpretes bimodais. Ainda assim, segundo dados desta mesma pesquisa, intérpretes bilíngues bimodais se sentem mais confortáveis trabalhando na direcionalidade de L1 para L2, alegando ser mais fácil produzir do que entender discursos na língua de sinais americana. Dentre as possíveis causas que atestam para a veracidade das informações autodeclaradas pelos participantes, os autores discutem a relação direta entre preferência e o treinamento recebido durante a formação acadêmica, diferente em ambas as direções no caso dos intérpretes bimodais, ao automonitoramento não automático quando a língua-alvo é a LS, e relativo à demanda de trabalho, mais frequente na direcionalidade de L1 para L2; ou seja, a prática profissional também contribui para adquirir mais experiência e conseqüentemente maior segurança nessa direcionalidade de interpretação.

Há outros fatores, linguísticos e extralinguísticos, provenientes da modalidade da língua e do contexto social que afetariam a preferência por determinada direcionalidade. Pavlovic (2007) e Ferreira (2010) conceituam direcionalidade como sendo “a tradução ou interpretação feita para a primeira língua ou dela para a segunda língua”. A definição de direcionalidade está centrada na figura do intérprete e em sua relação com as línguas de trabalho; sua língua materna ou primeira língua, pode configurar-se tanto como língua-fonte quanto língua-alvo, a depender da direção na tarefa requerida. Neste trabalho adotaremos L1 como sendo português e L2 como Libras; a saber, direcionalidade direta se refere ao processo

de vocalização e direcionalidade inversa, como sinalização. Bessa (2022) e Silva (2021) mostram em suas dissertações, que cerca de 46,3% a 52,8% dos intérpretes que têm Libras como L2 preferem a direcionalidade inversa (primeira língua – segunda língua), relatando os próprios participantes que há mais dificuldade na direcionalidade direta. Enquanto Bessa (2022) observou um maior esforço temporal por parte dos intérpretes participantes na tarefa de tradução requerida, Silva (2021) analisando as pausas considerada como problemas tradutórios no discurso de um TILS participante do estudo em uma prática também de tradução, descobriu mais omissões na direcionalidade direta. Objetivos e metodologias diferentes que apontam para um mesmo caminho: a relação (oposta) entre preferência e dificuldade, esta comprovada através do desgaste mental, apontamento de erros e uso de diferentes estratégias a partir de uma análise comparativa entre as duas direcionalidades de interpretação.

De modo geral, podemos analisar as experiências bilíngues unimodais e bimodais de forma semelhante enquanto estudamos a língua como fenômeno social; todavia, as especificidades das línguas gesto-visuais não devem ser deixadas de lado. As assimetrias entre uma língua oral majoritária (português) e uma minorizada (Libras), para além da intermodalidade, sugere diferentes status linguísticos em que os contextos de uso de uma, limita-se à margem da outra que ocupa posição privilegiada na estrutura do poder. As habilidades linguísticas entre bimodais e unimodais se consolidam em situações comunicacionais divergentes entre si, ou seja, são os contextos interacionais que moldam a forma como a língua é usada, bem como sua propagação dentro do espaço político nacional (Heye, 2006).

Buscaremos trazer reflexões, com base nos resultados que contribuam na investigação sobre preferência pela direcionalidade no trabalho do intérprete de Libras, confrontando a análise com o momento histórico atual, onde surdos ocupam espaços-enunciativos até nunca alcançados por membros da comunidade.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas da UFSCar em 4 de junho de 2024, conforme resolução nº 510 de 2016 e nº 466 de 2012, sob o protocolo CAAE (77878724.7.0000.5504), (Anexo 1). Tomamos a abordagem qualitativa para seu desenvolvimento, buscando compreender e descrever as relações de um grupo social, de forma a orientar nossa análise em base teórica e informações empíricas. Ainda que sua aplicação se limite ao local (amostra reduzida), é possível aprofundar-se nas relações e produzir novos conhecimentos, captando o contexto do fenômeno em sua totalidade (Minayo, 2012). Classifica-se este estudo quanto ao seu objetivo como exploratório, por se tratar de um assunto relativamente novo; procuramos construí-lo seguindo as etapas propostas por Gil (2007): levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que experimentaram/vivenciaram na prática as questões levantadas pelo problema pesquisado e por fim, com base nos exemplos coletados/observados, que induzam a análise e compreensão do problema de pesquisa.

O instrumento utilizado para obter os dados pertinentes à pesquisa, consiste em *entrevistas semiestruturadas* individuais realizadas com dois intérpretes divididos em dois perfis distintos em relação à variável *anos de experiência* e *processo formativo*. Ancora-se a adoção deste procedimento metodológico, pois se mostra uma ferramenta adequada e precisa para alcançar o objetivo proposto. A justificativa de optarmos pelo formato semiestruturado é por ser um modelo mais flexível, no qual, apesar de existir um roteiro prévio para nortear nossa entrevista, os participantes convidados podem debater livremente sobre o tópico em específico, manifestando seu ponto-de-vista intersubjetivamente. Atendendo aos pré-requisitos de acordo com o perfil desejado da amostra, recrutamos duas participantes segmentadas em “entrevistada um” e “entrevistada dois”. Os critérios previamente estabelecidos para o E(1) e o E(2) são assim definidos:

- **E (1):** estudante do curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras/Língua Portuguesa, regularmente matriculado no último período/ano letivo, que tenham concluído no mínimo 2 estágios obrigatórios.
- **E (2):** tradutor-intérprete de Língua de Sinais (TILS) já atuante com no mínimo 5 anos de experiência, mas que não tenha formação específica em nível superior na área de tradução e interpretação.

As perguntas norteadoras são relativas ao âmbito profissional e pessoal do indivíduo participante/entrevistado. Levantamos questões acerca do percurso acadêmico, as experiências vividas durante a formação, com foco no treinamento prático recebido em ambas as direcionalidades de interpretação e como se deu o aprendizado de sua L2 (Libras), se há ou não contato com a comunidade surda fora do ambiente institucional, integrando perspectivas quanto a sua atuação, positivas e negativas. No perfil dois, intitulado intérprete experiente, buscaremos abordar essas questões, e outras referentes aos contextos de atuação e frequência no uso das línguas de trabalho (Português e Libras), com exceção daquelas que tratem do percurso formativo, sendo esta variável, uma das que distingue os dois perfis.

As perguntas formuladas foram divididas em três etapas:

1. Fatores sociais: idade do participante, momento de aquisição linguística da Libras, frequência no uso (durante a formação e/ou atuação);
2. Fatores linguísticos: autoclassificação quanto a compreensão (Libras>português) e produção (português>Libras) em níveis (1 (péssimo), 2 (ruim), 3 (regular), 4 (bom), 5 (excelente)), apontamento de possíveis dificuldades e uso de estratégias;
3. Fatores subjetivos: motivações pessoais, interesses profissionais e/ou influência familiar; prospecções relativas ao campo de trabalho no cenário atual e a própria atuação.

3.1 Metodologia de Construção do *corpus*

Como descrito no trecho acima, o *corpus* desta pesquisa foi construído por enunciados concretos obtidos a partir de entrevistas com duas intérpretes, que mediante convite formal endereçado ao público TILS, demonstraram interesse em participar voluntariamente. As participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), Anexo 2, concordando com a gravação da entrevista e uso de suas identidades reais.

Quadro 1: Identificação das participantes

	E1	E2
Nome	Nicole Barbosa Teixeira	Sylvia Sato
Idade	21 anos	35 anos
Local onde vive atualmente	São Carlos	São Paulo

Fonte: elaborado pela autora com base nos dados fornecidos pelas participantes

Como as intérpretes recrutadas para fins desta pesquisa, necessariamente trabalham com línguas de modalidades diferentes (vocal-auditiva e gesto-visual), consideramos a possibilidade da manifestação de enunciações intermodais (Nascimento, 2016). Alguns exemplos de léxico em Libras utilizado pelas participantes, como ao realizarem o sinal de alguma instituição, ocorreram fora do contexto que objetiva nossos estudos que é a análise dos discursos centrada na direcionalidade da interpretação, exceto um (Excerto 7 – Nicole) portanto, usamos dois modelos de transcrição. Na transcrição do áudio para discursos em português, adotamos o modelo proposto pelo projeto Norma Urbana Culta da cidade de São Paulo (NURC-SP) apresentado em Pretti (1993), exemplificado a seguir:












OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÕES
Incompreensão de palavras e segmentos	()	Do nível de renda..() Nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Entonação enfática	Maiúscula	Porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:::podendo aumentar parar::: ou mais	Ao emprestarem os.. Éh:::.. o dinheiro
Silabação	-	Por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	E o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	São três motivos..ou três razões... que fazem com que se retenha moeda...existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	-----	... a demanda de moeda _ _ vamos dar essa notação_ _ demanda de moeda por motivo
Indicação que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	“ “	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRRElra entre nós”..

Quadro 2: proposta de transcrição do Projeto Nurc (PRETTI, 1993)

Como dito, foi necessário utilizar a imagem da participante (consentida por ela através da assinatura do Termo de Autorização para Uso da Imagem (Anexo 3)) fazendo um recorte do momento em que a sinalização condizia com o a proposta da pesquisa. De acordo com Nascimento (2022) as enunciações intermodais são marcadas pela sobreposição das línguas (LP e Libras), enunciações essas que podem ser divididas em dois tipos: citação intermodal transliterada e citação intermodal demonstrativa. Neste último tipo, se encaixa o exemplo dêitico usado pela E1 (sinal em Libras realizado simultaneamente à referência do

demonstrativo em português) que trouxemos para estudo. O modelo de transcrição multimodal foi desenvolvido pelo pesquisador referenciado acima (2016) e aprimorado em 2021 (Melo e Nascimento), objetivando uma transcrição que contemplasse a dupla materialidade linguística dos enunciados. Abaixo, a figura 1 apresenta a proposta de transcrição multimodal:

Figura 1 – Proposta de transcrição multimodal

Joyce - 00031.MTS		
	Transcrição intermodal com citação	Discurso citado
TILS	<p>Tem uma parte do vídeo que ele aponta que ele lista cinco coisas, né? e aí no começo a tradutora fez, no caso eu, fiz assim porque eu havia pensado</p> <p style="text-align: center;">  BOIA (CIT_A) </p> <p>na estratégia de fazer assim mas aí o meu tradutor apoio lembrou de uma</p> <p style="text-align: center;">  BOIA </p> <p>de uma informação que eu havia esquecido de que essas informações</p> <p style="text-align: center;">  (APONTAÇÃO Esquerda) (CIT_B) </p> <p>iriam estar no vídeo, então eu não teria que ter essa preocupação de listar aqui e dizer o nome de cada uma delas porque elas estavam logo</p> <p style="text-align: center;">    </p> <p style="text-align: center;"> BOIA (CIT_C) (Aponta para dedos da boia) APONTAÇÃO </p> <p>ao lado só tinha que apontar e isso tava na glosa mas a glosa como não</p> <p style="text-align: center;">  APONTAÇÃO (CIT_D) </p> <p>tava comigo tava com apoio ele tinha essa função também de passar para a gente as anotações que a gente mesmo fazia</p>	<p style="text-align: center;">  (CIT_A) </p> <p style="text-align: center;">  (CIT_B) </p> <p style="text-align: center;">  (CIT_C) </p> <p style="text-align: center;">  (CIT_D) </p>

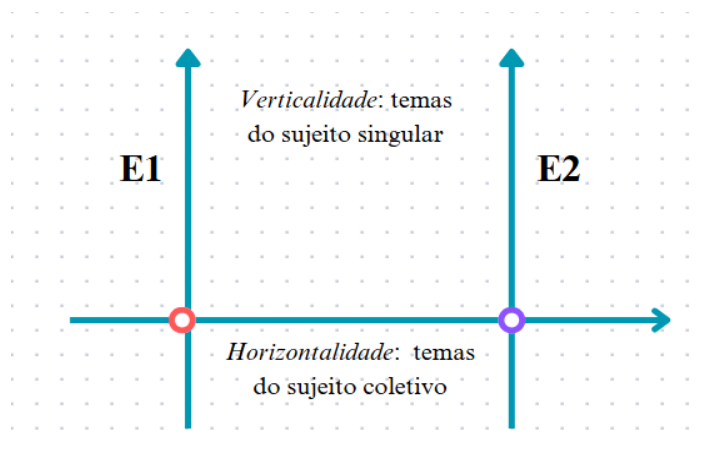
Fonte: Melo e Nascimento (2021, p. 224)

Embora o tempo estipulado para a duração das entrevistas tenha sido de 30 minutos, esse tempo previamente estabelecido foi ultrapassado, à medida que o modelo semiestruturado, permitiu que os entrevistados participassem livremente “na construção dialógica com o sujeito entrevistador e pesquisador, constituindo-se em evento único, uma arena enunciativa-discursiva” (Campos, 2018, p. 35).

3.2 Metodologia de Análise

A metodologia de análise orientou-se nos estudos de Campos (2018), onde o pesquisador-entrevistador assume posição exotópica (construído com base no conceito de “excedente da visão” presente na obra bakhtiniana), produzindo na interação com os entrevistados, um novo texto, construído por várias vozes e assinado por todos os interlocutores, “pesquisador e sujeito pesquisado são ambos produtores de texto, o que confere às Ciências Humanas um caráter dialógico” (Amorim, 2010, p. 98). Ainda assim, cabe ao pesquisador em diálogo com seu objeto de pesquisa, aqui representado pela preferência por determinada direcionalidade de interpretação, dar sentido aos enunciados das entrevistas, de forma a garantir uma análise que transforme o singular em algo mais genérico. Dessa forma, os dados obtidos com as entrevistas foram analisados verticalmente (singularidades) e através da intersecção dos enunciados, horizontalmente (generalidades). Atravessando as dimensões singulares, relatadas pelos próprios participantes, com os temas em comum que aparecem nas entrevistas, o pesquisador poderá direcionar sua análise, para a generalidade.

Quadro 3: representação da metodologia proposta por Campos (2018)



Fonte: criado pela autora com base no quadro de Britto (2021)

4. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

4.1. Análise da verticalidade

Dividimos a pesquisa, aplicando a metodologia de análise vertical e horizontal; pesquisa esta que foi constituída e construída a partir de entrevistas semiestruturadas realizadas individualmente com um representante de cada perfil, como explicado no tópico anterior. Através da articulação dessas duas perspectivas de análise, foi possível cruzar aspectos singulares dos sujeitos entrevistados e transpor significados buscando alguma generalização do tema pesquisado. Segundo Campos (2021, p.4), na verticalidade se “examina a materialidade sígnica, textual e discursiva, linguística e extralinguística, e tem como objetivo identificar o projeto enunciativo-discursivo de cada sujeito entrevistado”.

4.1.1. Entrevistado Perfil 1

Ambas entrevistas foram realizadas por meio da plataforma *GoogleMeet*. A entrevista com Nicole, de 21 anos, representante do Perfil 1 (intérprete em formação), aconteceu no dia 08 de agosto. Ela é estudante do curso Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais-Libras/Língua Portuguesa na UFSCar. Seu primeiro contato com a Libras foi durante a graduação, que aconteceu presencialmente somente em 2022, um ano após o início das aulas na modalidade remota, ainda em pandemia. Tal fato é apontado pela própria participante como fator dificultador na apropriação da língua para quem, até então, sabia apenas soletrar o alfabeto:

EXCERTO 1 - NICOLE

Eu cheguei, eu acho que só sabendo o alfabeto e também...que libras era língua, que se falava surdo, mas de resto eu não sabia nada. E o meu processo dentro do curso, a gente começou em EAD, foi bem orgânico até ((dúvida)) tipo, foi meio difícil no começo, eu acho que eu realmente consegui aprender quando voltou presencial em dois mil e...vinte dois eu acho...2022. E aí eu consegui REALMENTE pegar e me apropriar da língua e meu primeiro contato com o surdo foi na faculdade também.

É inevitável, nessas condições, desconsiderar a materialidade multidimensional da Libras, uma língua gesto-visual, que constitui um dos efeitos da intermodalidade linguística. Nas condições impostas pelo período pandêmico, com a adoção do ensino remoto

emergencial em conformidade com a Portaria nº 343 publicada pelo Ministério da Educação em 2020, os meios digitais foram a única opção para a substituição das aulas presenciais, em respeito ao distanciamento social. As aulas de Libras, que durante toda a graduação são ministradas por professores surdos, segundo regulamento interno do curso TILSP/UFSCar, foram de certa forma, prejudicadas pela instabilidade e acessibilidade à internet nem sempre satisfatória ou adequada.

Outro desafio enfrentado nesse contexto é a adaptação de uma língua com características próprias, de modalidade diferente das línguas orais o que implica na criação de estratégias para além do uso dos recursos tecnológicos, refletindo no aspecto da visualidade e semiótica da língua, já que “a comunicação acontece no espaço de sinalização e as informações são apresentadas através de sinais que estão corporal e espacialmente dispostos”. (Silva, 2021, p. 45). Limitando o ensino-aprendizagem da língua de sinais como segunda língua às tecnologias digitais (telas de notebook e celular), estudantes dos semestres iniciais perderam a oportunidade do convívio direto com a comunidade surda, acarretando dificuldades na aprendizagem e os privando de experiências interacionais. Se durante esse período, a comunicação entre professor surdo e aluno ouvinte foi duramente afetada, o vínculo pedagógico-afetivo foi possível com a volta das aulas presenciais; segundo a entrevistada, o amor pela língua (Libras) já existente e seu aprendizado, se fortaleceu e evoluiu quando teve contato com professores surdos na faculdade.

Ao ser questionada sobre o que a motivou escolher o curso de tradução e interpretação em Libras, Nicole ressalta a curiosidade em aprender uma outra língua que não a oral e a influência por conta da visibilidade midiática da Libras em *lives* musicais, durante o mesmo período que antecedeu e acompanhou seu ingresso na universidade, quando vivenciávamos uma pandemia de covid-19. Considerada por Nascimento (2023), como uma adaptação dos shows musicais, as *lives* surgiram a partir de e como extensão destes, como gênero discursivo emergente. Essa e outras produções culturais, migraram por necessidades sanitárias e urgente, para as plataformas virtuais. Os intérpretes de Libras foram ganhando espaço, oportunidades e repercussão positiva na mídia. A acessibilidade linguística para os surdos na área artística, até então enfraquecida, alcançou outro viés e chamou atenção do público em geral, para questões nunca antes percebidas/debatidas:

EXCERTO 2 - NICOLE

Foi 100% curiosidade. Tipo “ah libras é legal né”. E também tava em altas *lives*, essas coisas então acho que...mesmo sem eu PERCEBER eu fui influenciada a ver, o intérprete né e a me interessar pela língua.

Conversamos também, sobre os ambientes de atuação que o curso lhe proporcionou/têm proporcionado ao longo de sua formação e as barreiras percebidas, de acordo com suas experiências individuais na prática interpretativa. Em relação a heterogeneidade dos ambientes em que atuou até o momento da realização da entrevista:

EXCERTO 3 - NICOLE

Foram poucos mas teve alguns bem diferentes, foi no contexto religioso já o último que eu interpretei (...) que era um...evento Espírita, foi muito legal aliás! Ela super-receptiva comigo, acho que depende muito do surdo também, se a gente conhece, quantas pessoas estão olhando pra gente...eu já interpretei não tinha surdo, mas eu precisava das horas de estágio, interpretei no...auditório da UFSCar, tava cheio de professores, era um evento da Secretaria de Educação/na verdade Secretaria de formação continuada, alguma coisa assim. E não tinha nenhum surdo, mas a gente foi lá e o tema era bem difícil, era sobre alfabetização e a mulher citava bastante coisa de fora, muitos lugares assim, ela viajava um pouco falando e deixa eu ver::: no Gel também, no Congresso de... linguística que eu fui, mas assim, POUQUÍSSIMAS vezes teve que ser algo para o português, só na associação de surdos também. Acho que são esses lugares, a UFSCar, a Associação de Surdos e o Dalila, a escola polo.

Como podemos observar no trecho transcrito acima, o contato da participante com as práticas de interpretação limita-se ao proposto e exigido pelo ambiente acadêmico, no qual está inserida. O estágio obrigatório é uma oportunidade de extrema importância para o graduando aplicar na prática os conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula. Ainda que o curso de Tradução e Interpretação em Libras/Português da instituição onde a participante estuda conte com uma grade curricular atrelada as práticas (Sousa, 2021), fundamentais para o efetivo aprendizado da Língua, devemos nos atentar ao fato que diferentemente de outros cursos que envolvem línguas (orais), não há exigência do conhecimento prévio em língua de sinais. Logo, concomitantemente ao aprendizado da Libras como L2, os estudantes se deparam com outro desafio: o aprendizado teórico-prático das técnicas de tradução e posteriormente, interpretação. A contextualização curricular através dos estágios obrigatórios supervisionados e outras atividades didáticas propostas ao longo do curso, favorece a compreensão da dinâmica das relações de trabalho e o desenvolvimento de habilidades e competências próprias da atividade profissional, além do suporte que as experiências de vida proporcionam para o indivíduo, em relação à segurança emocional.

Nicole discorreu mais a fundo, sobre suas experiências como intérprete em sala de aula onde teve oportunidade de transitar entre diferentes turmas, matérias variadas e o contato

com perfis diversos de estudantes surdos, relatando as dificuldades/demandas que se deparou nesse ambiente, que direta ou indiretamente influenciaram no momento da interpretação:

EXCERTO 4

Acho que só quando os temas eram...de um vocabulário que eu não conhecia, que...que eu me sentia com dificuldade. No geral assim, o vocabulário/ele me pega bastante.

EXCERTO 5

E: Foi difícil porque era sobre os sistemas do corpo e teve uma aula também sobre reprodução...e eu interpretei e:: eu não tava nem com vergonha do tema, os alunos faziam perguntas tão HORRÍVEIS, que eu não sabia se eu interpretava ou não ((risos))

A questão do vocabulário e tema aparecem em sua fala com frequência no que diz respeito às dificuldades encontradas na prática interpretativa no ambiente escolar, mais adiante podemos observar no excerto acima, assim como aparece em outros momentos quando se refere a espaços que teve contato, como o contexto religioso e o de conferência, há mais questões percebidas que interferem na sua atuação, como o público-alvo e a exposição. Ao ser questionada sobre situações em que precisou fazer interpretação de Libras para o Português, Nicole descreve dois momentos marcantes ambos ocorridos na instituição em que estuda que se estenderam em experiências divergentes entre si, uma positiva e outra negativa. Uma dessas experiências aconteceu na Semana acadêmica do curso em que estuda em 2023. Ela tinha se inscrito para participar de uma oficina sobre visual-vernacular (VV) que seria ministrada por um aluno do mesmo curso que optou por realizar seu discurso em Libras, mas que se deparou com um problema: não havia intérpretes no local para fazer a interpretação para o português. Essa ausência fez com que Nicole fosse convidada de última hora para realizar a interpretação. Apesar do imprevisto, a entrevistada se sentiu satisfeita com sua entrega e conta quais estratégias lhe auxiliaram durante o evento:

EXCERTO 6

E: Como a gente tava com o microfone, a pessoa do lado conseguia falar com a gente, não tão baixo né. E aí a gente pegava as sugestões, o apoio, mas é muito estranho porque o microfone já muda nossa voz.

P: também tem haver que nesse caso, o feedback é automático né

E: sim, como o Lucas é ouvinte, ele conseguiu olhar pra gente e fazer a datilografia be:::m devagarinho, junto com a boca e ajudou bastante. Mas eu acho, que se fosse assim... OUTRA pessoa ou um surdo que eu não conhecesse, teria muito mais dificuldade

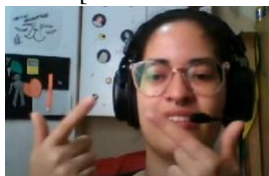
P: foi uma experiência boa né? Mas é diferente então, de quando você conhece o palestrante

E: sim, eu acho que sempre quando é tanto palestrante quanto o público né?

Outra experiência vivenciada pela participante, diz respeito a uma avaliação que compõe a disciplina “Esfera científica”, na qual precisou fazer interpretação para o português. A atividade foi feita em trios e o objetivo era trabalhar o vocabulário científico associado ao uso do *GoogleMeet*. A palestrante surda, com apoio de slides, apresentava sua pesquisa:

EXCERTO 7

E: Ela fez **assim**



eu entendo/eu entendi do meu jeito né, porque a gente se apropria dos sinais e coloca o significado um significado neles e para mim era em português, era curtidão:: alguma coisa assim, só que era lazer e tava no slide só que eu não consegui ter essa estratégia, eu acho que pela falta de contato de pegar o slide pegar a libras ao mesmo tempo e conseguir criar um raciocínio porque aí eu lembro que eu falei alguma coisa tipo “ah::: desse tema eu gosto muito” e era tipo “agora vamos falar sobre lazer” era algo muito mais sóbrio sabe? (...) Então eu reconheço que eu tenho dificuldade da Libras para o português e é algo que as outras pessoas conseguem perceber também.

Sobre as barreiras que se depara nessa direcionalidade de interpretação, perguntei se estaria relacionada com a falta de práticas durante a formação:

EXCERTO 8

E: Com certeza! Porque eu aprendi libras no curso, então eu entendo a Libras a partir da esfera ali do curso, de tudo que acontece no curso e eu consigo interpretar de português pra Libras. Então por que que eu não conseguiria interpretar de libras para o português? É o mesmo curso, isso tudo que eu aprendi tá ali, as experiências foram poucas e normalmente é tradução né. Então a gente tem todo tempo de rever, perguntar sinal e ao vivo é outra coisa. Ou você fala ou você não fala.

Nicole complementa sua fala, dizendo que as poucas vivências na direcionalidade de interpretação Libras-Português, a deixam nervosa o que faz com que confunda a ordem das palavras na hora de interpretar precisando despender mais energia mental nesse tipo de direcionalidade, para filtrar melhor o que vai dizer sem descontextualizar o discurso do surdo e não prejudicar o público ouvinte também.

EXCERTO 9

E: (...) porque em Libras a gente não se vê né, eu vou me ouvir falando errado e prejudicar quem tá::: quem tá acompanhando né minha voz e o palestrante surdo.

Sobre as características específicas da interpretação intermodal na direcionalidade Libras>português, processo denominado por Rodrigues como vocalização:

É possível inferir, portanto, que a interpretação simultânea da língua de sinais para a língua oral (i.e., o processo de vocalização) demanda dos intérpretes intermodais um significativo esforço cognitivo e, inclusive, habilidades específicas para unidimensionalizar/ linearizar informações multidimensionais/ simultâneas. (RODRIGUES, 2018, p. 125).

Outro ponto importante de destaque em seu pronunciamento diz respeito ao *feedback*, que não é automático quando nos referimos à interpretação de português para Libras, ainda que sua exposição seja maior. Os meios de articulação e recepção diferentes entre línguas orais e línguas de sinais, são componentes essenciais ao processo interpretativo intermodal. A direcionalidade determinará o modo de produção e percepção do par-linguístico, o que implica no uso de diferentes estratégias e divergências quanto as demandas operacionais e cognitivas.

Para avaliar o nível de compreensão e produção em Libras, separadamente, apresentamos para as entrevistadas duas perguntas auto perceptivas, conforme descrito no capítulo “Metodologia”. Sobre a pergunta, obtive a seguinte resposta:

EXCERTO 10

E2: tá, pra Libras...eu me dou um quatro, que depende muito do tema mas eu consigo... usar as estratégias né, aí eu acho que um quatro

P: E pra você entender Libras e vocalizar

E2: aí eu acho que eu dou um...três, porque depende muito de quem tá falando realmente

Novamente, é notório em seus enunciados que a proximidade com o surdo na direcionalidade direta (Libras>português), causa de certa forma conforto em sua prática de trabalho, já que devido esse contato mais próximo, é possível adotar/combinar estratégias diretamente com o surdo que estará interpretando antes mesmo do evento (como a soletração mais devagar); além do mais, outro ponto tocado pela entrevistada, refere-se ao conhecimento “da Libras daquela pessoa”, tanto relativo aos sinais os quais está habituada, velocidade de sinalização, quanto ao perfil do surdo e o estilo da fala. Todavia, não podemos desconsiderar fatores como gênero textual, a situação comunicacional e o próprio perfil do participante-

intérprete. Ao se auto-avaliar na produção em Libras, ou seja, na interpretação do português para língua de sinais, a familiaridade com o tema, a deixa em dúvida sobre qual nota se daria mas em seguida complementa, a possibilidade de usar estratégias já conhecidas como a paráfrase, muito utilizada pelos intérpretes de línguas de sinais.

Por fim, perguntamos para Nicole se ela saberia explicar o conceito de direcionalidade e se tinha preferência por alguma direcionalidade de interpretação e o porquê:

EXCERTO 11

E: Eu acho que o curso ensina bem a direcionalidade né, que é para qual língua você interpreta, a língua A fonte e a língua B alvo né? Qual língua você tá recebendo informações, que você tá passando, eu entendo mais ou menos como isso e eu acho que seja ((risos)) e eu prefiro de português para Libras porque eu acho que eu entendo melhor o português e em Libras eu consigo usar mais de uma estratégia. Eu acho que em português, às vezes as estratégias deixam os conteúdos um pouco maiores ou você perde mais fácil ou fica muito...é:: reduzido sabe, uma qualidade inferior quando você faz em:: passa alguma coisa de libras para português, só que você /que nem tem o caso da Mariana e eu acho que eu vou continuar citando porque eu fiz o que ela falou ser algo muito básico, eu desqualifiquei o que ela tava falando e acho que isso não é tão legal de se fazer. E Libras eu acho que eu consigo ir adicionando coisas, quando no caso a língua-alvo seja libras, eu consigo ir adicionando informações que enriquecem mais quando tá em português, não necessariamente mudar o discurso mas se for um discurso difícil, eu consigo colocar melhor né? Então acho que por isso que eu prefiro pra libras. E são estratégias mais rápidas, acho que sinalizar/não sei se tem algum estudo... acho que tem aliás, que sinalizar é muito mais rápido do que falar. Então dependendo do que você tá sinalizando né, eu acho que... meu cérebro/ele é mais rápido porque o curso me ensinou Libras, me ensinou a interpretar, me ensinou a traduzir e nessa direcionalidade.

Este trecho da entrevista, demonstra importantes reflexões as quais relaciono a seguir com a pesquisa de Nicodemus e Emorrey (2013) que investigou as preferências por direcionalidade de interpretação entre intérpretes unimodais e bimodais, e as possíveis variáveis que influenciariam à preferência. De acordo com a referida pesquisa, os dados coletados apontam que intérpretes monomodais preferem trabalhar na direção onde o texto-alvo é em sua língua nativa, no caso, o inglês, enquanto intérpretes bimodais preferem trabalhar de sua primeira língua para a segunda, a ASL. Dentre as possíveis explicações, de acordo com o resultado, aponta-se questões como o tempo de treinamento recebido, diferente em ambas as direcionalidades de interpretação durante a formação acadêmica e ao período de aquisição da L2; enquanto intérpretes unimodais adquirem sua L2 ainda na infância, os intérpretes bimodais terão contato com a língua de sinais somente no final da adolescência ou início da fase de adulta.

A análise também atravessa questões como as habilidades de produção dos ILS serem melhores do que as habilidades de compreensão, influenciados pela quantidade de treinamento prático, as demandas de trabalho e aos efeitos da intermodalidade linguística, como o monitoramento não automático, explicado anteriormente. Em relação às estratégias disponíveis, a participante destaca que o fato de entender melhor a língua portuguesa, faz com que consiga pensar em formas de dizer diferentes em Libras, conservando o significado do texto-fonte e ainda, acrescentar informações imagéticas e visuais, enriquecendo sua interpretação; já na direcionalidade direta, acaba omitindo informações e/ou cometendo erros gramaticais, o que desqualificaria o discurso do surdo, gerando mais preocupação e desconforto.

4.1.2. Entrevistado Perfil 2

A entrevistada do Perfil 2, denominado e condicionado ao pré-requisito ser “intérprete experiente com mais de 5 anos de experiência que não tenha formação acadêmica específica na área de tradução e interpretação em Libras”, se chama Sylvia Sato, tem 35 anos e atua como intérprete desde 2012. Certificada em 2015 pelo ProLibras, último ano em que o exame nacional de proficiência em tradução e interpretação de Libras foi aplicado, 10 anos após a promulgação do Decreto de Lei nº 5.626/2005. Hoje extinto, o exame foi de extrema importância para que a qualidade dos profissionais que atuavam no ensino e na tradução/interpretação da Língua Brasileira de Sinais, até então de modo informal, fosse, de certa forma, validada e reconhecida. O comprometimento com a qualidade foi e é até hoje fundamental para o fortalecimento da inclusão social dos surdos e seu efetivo acesso nas mais diversas áreas. Acesso este que é mediado quase sempre por um intérprete ouvinte falante do português.

Sylvia em seu discurso ressalta a importância dos dispositivos legais, que hoje amparam o ensino e garantem acessibilidade de qualidade aos surdos em variados ambientes; destaca em especial o terceiro setor, no qual se enquadra ações de natureza cultural e onde Sylvia tem vasta experiência de atuação e afeto. Sua experiência pessoal trabalhando como educadora em museus, em especial no Itaú Cultural, lugar onde teve seu primeiro contato com os surdos e a Libras em 2011/2012, através de um curso básico oferecido pela instituição para os servidores que tinham contato direto com o público frequentador do museu, despertou

interesse em se aprofundar no conhecimento da língua, visto a facilidade com que ela se apropriou da Libras:

EXCERTO 1 - SYLVIA

E: A minha memória, ela é muito mais visual do que auditiva então para mim foi muito mais fácil entender a estrutura, os parâmetros linguísticos, entender vocabulário (...)

Nichols e Martins (2022, p. 23) corroboram essa afirmativa ao dizerem que:

A visualidade é uma característica que adjetiva os surdos e as línguas de sinais. Tanto a pessoa surda quanto as línguas de sinais são visuais. A apreensão dessa característica é essencial para a apropriação dessa língua, para a compreensão das singularidades das vidas surdas e para a afirmação de que as línguas de sinais são línguas naturais e, portanto, possuem aspectos linguístico-gramaticais em sua estruturação de funcionamento.

E foi nesse espaço de pluralidades que amizades surgiram naturalmente, assim como se deu seu envolvimento com e na comunidade surda, e junto a essa aproximação, o incentivo de seus próprios amigos surdos para que pensasse na atuação como intérprete profissional. A sua relação com os surdos e a (con)vivência com a comunidade influenciaram positivamente não só seu processo de aquisição linguística, como também favoreceu a adoção de uma postura político-ativa, que orienta sua prática profissional até hoje. Se são as relações sociais, constituintes do ser humano, as interações dialógicas são responsáveis pela construção de um sujeito ativo e consciente e Sylvia deixa claro que sabe do seu privilégio ouvinte e de seu papel político-social como intérprete; não existe *ela* sem o *outro*, sujeito surdo:

EXCERTO 2

E: Por que é isso né, as pessoas surdas elas têm direito ao acesso à arte, a cultura e isso sempre ficou assim muito... a margem, muito na periferia então eu tô muito feliz assim que hoje, eu até brinco com os meus amigos “ai tem um monte de evento com tradução de libras ou com pessoas surdas acontecendo no mesmo dia, no mesmo horário” eu falei “gente que bom, porque agora as pessoas têm escolha” antes elas não tinham, elas iam aonde tinha o serviço e aonde começava a se divulgar. Hoje elas têm escolhas e se a gente ouvinte tem e sempre teve escolhas, por que não as pessoas surdas também? Então eu fico muito feliz com esse movimento aí também dentro da esfera cultural.

Conforme Fomin (2020, p. 114) descreve “diversas instituições culturais, por entenderem seu potencial educativo e formativo, vêm tornando seus espaços e programações cada dia mais acessíveis à comunidade surda, usuária da língua de sinais”. O Itaú Cultural, lugar de primeiro contato com a Libras da entrevistada, onde na época trabalhava como educadora, é um deles. A instituição oferece uma multiplicidade de eventos culturais (teatros,

exposições, filmes, shows etc.) e hoje conta com uma programação gratuita acessível em Libras, graças a uma perspectiva inclusiva instituída lá atrás, que desde 2016/2017, se fortaleceu enquanto programa de acessibilidade.

Podemos dividir o tópico motivação em três fases: seu interesse surgiu em um primeiro momento quando trabalhava como educadora, associado a questionamentos sobre a falta de acessibilidade, seguindo a facilidade de aprendizado da língua e o incentivo dos próprios amigos surdos em atuar profissionalmente.

Em relação aos ambientes nos quais já atuou, para além da esfera artístico-cultural, a entrevistada conta sobre suas experiências no contexto comunitário, lugar de aprendizado e trocas importantes, considerado seu espaço de formação:

EXCERTO 3

E: eu já trabalhei junto com a associação porque tinha a associação de surdos aqui de São Paulo né a ASSP ((sinal)). Já cheguei a trabalhar com eles ajudando também na organização de festas né, pra:: pra arrecadar fundos é:: ajudando também na tradução às vezes de alguns materiais ou acompanhando em:: cartório para resoluções burocráticas que às vezes a gente sabe que não são espaços preparados infelizmente né...já:: acompanhei também algumas amigas surdas em consultas médicas porque também tem esse OUTRO espaço né, esse outro lugar de muita vulnerabilidade, que é você tá grávida tá com alguma doença, você não tem um atendimento adequado também no espaço da saúde.

Nesse sentido, ela contrapõe o aspecto caritativo associado às práticas de caráter comunitário, pois não considera o que faz um voluntariado; apesar de ocorrer em âmbito comunitário diz que o objetivo é apoiar seus amigos e promover uma comunicação adequada em momentos que os serviços disponíveis são precários ou estão sobrecarregados. “E se vivenciasse uma situação em que seu acesso básico fosse impedido, afetado, negligenciado por conta de uma barreira linguística?” demonstrando a importância de uma postura política e empática.

Ainda sobre os ambientes de atuação:

EXCERTO 4

E: eu já atuei como intérprete é:: acadêmica né na universidade, então eu já trabalhei como tradutor-intérprete em curso de ensino superior que eu também acho que é um OUTRO lugar delicado para a gente enquanto profissionais.

A participante relata algumas particularidades encontradas em atuar nesse ambiente, como a carga horária elevada e o fato de que na época, não trabalhava com intérprete de apoio, sendo responsável por 4-5 horas diretas de interpretação. Refletindo sobre a tipologia do trabalho, num contexto em que a linguagem acadêmica prevalece, a interpretação exigia uma carga mental elevada, em uma área de conhecimento (Finanças) que não tinha tanta proximidade:

EXCERTO 5

E: A minha formação é em artes visuais, então eu tive que estudar MUITO para conseguir acumular repertório, saber exatamente qual é o vocabulário específico dessa disciplina, para poder fazer uma tradução de qualidade, porque se eu não entendo como que eu vou fazer essa ponte né, para pessoa surda. Então para além da sala de aula, eu estudava muito, comecei a consumir muita coisa sobre economia, sobre taxas enfim, como uma coisa influencia na outra dentro dessa lógica da gestão financeira, para eu poder ter repertório suficiente para quando o professor tá falando as coisas “Ah tá isso eu já sei do que se trata” então:: para poder ter as melhores escolhas tradutórias também que eu acho que isso é nossa responsabilidade. Com isso a gente assume esse:: esse trabalho, essa função, a gente tem essa obrigatoriedade também de estudar né, para ter competência intelectual mesmo né para ALÉM da língua, do assunto que se refere.

Podemos observar em seu discurso, vários pontos que fazem referência a capacidade de desenvolver, buscar conhecimento e se familiarizar com os referentes em que dada situação interpretativa pode ocorrer. Por meio de estratégias específicas, apesar de não ter conhecimento referencial na área de Finanças, buscou aprender e entender como esse universo funciona, para que pudesse entregar uma interpretação de qualidade que fizesse sentido para o estudante surdo. Definido como conteúdo semântico e pragmático por Marcon (2012), a competência referencial influencia diretamente as escolhas tradutórias, logo, podemos concluir que a competência referencial e a linguística (escolhas lexicais) se complementam e se condicionam.

Especificamente, referente à sua atuação na área artístico-cultural para além da interpretação, Sylvia relembra com carinho um projeto que criou junto à Léo Castilho, o LiteraSurda, movimento que ocupou algumas unidades do SESC São Paulo com encontros bimestrais até o início da pandemia, contabilizando 12 edições. Entre 2018 e 2019, artistas surdos de todo o Brasil eram convidados para apresentarem oficinas formativas, *workshops*, peças teatrais e as mais diversas produções culturais nos espaços da biblioteca do SESC. A participação do público surdo era tão assídua que até hoje a entrevistada conta que é “cobrada” pela comunidade em encontros ocasionais e pelo Instagram. Outra experiência

interessante que Sylvia trás, é sua atuação junto ao coletivo Grão Arte e Cidadania, onde trabalhou como atriz-sinalizante/atriz-intérprete em cena, segundo a própria se coloca.

Apesar de concordar que as demandas na direcionalidade de interpretação são infinitamente maiores de Português para Libras, relata que sua experiência como co-produtora do projeto LiteraSurda, foi oportuno para que pudesse aprimorar/refinar sua interpretação na direcionalidade Libras>português. A ideia central do projeto, era que todos os eventos fossem apresentados em língua de sinais, já que todos os artistas eram surdos, assim como também seu público-alvo. Uma estratégia pensada para que os ouvintes que não soubessem Libras pudessem participar, foi oferecer a interpretação para o Português oral, através de receptores individuais com fones de ouvidos, promovendo assim o que ela intitula “acessibilidade reversa”. Vianna (2006) esclarece que nesse tipo de interpretação, também conhecida como interpretação de cabine, há alguns equipamentos necessários além da própria cabine à prova de som, como fones de ouvido, microfone e um posicionamento que permita ver os oradores.

Aproveitando o rumo para o qual a conversa se direcionou, pedi para a entrevistada falar sobre as dificuldades encontradas nesse tipo de direcionalidade (Libras>português) e as possíveis estratégias:

EXCERTO 6

E: eu me sinto:: eu me sinto bastante confortável, já tive feedbacks também de outros pares intérpretes, de que a minha tradução libras português ela é muito boa é: mas eu acho que essa questão de como que você faz essa operação né na cabeça, ela também depende muito do que você consome né. Então para eu buscar um vocabulário específico, uma palavra eu preciso saber como eu aplico essa palavra na língua portuguesa, para eu poder né entender aonde que eu uso ela ali, quando a pessoa surda sinaliza e o inverso a mesma coisa. Porque às vezes a gente tem ali um discurso:: muito prolixo, muitas vezes de palestrantes ou de alguma aula de algum professor e aí não eu não tenho o equivalente em sinais em Libras. Mas eu preciso entender dentro desse discurso prolixo é: exatamente o que que ele quer dizer, qual é o objetivo dele para pensar as melhores escolhas tradutoras né. então eu acho que nesse sentido é importante que que tem um acúmulo mesmo né, de vocabulário, estratégias mais rápidas porque a pessoa não vai parar de sinalizar e a pessoa não vai parar de falar né

Sylvia afirma que se sente confortável em interpretar nesse tipo de direcionalidade, tanto pelas práticas atreladas em sua experiência profissional que a fizeram adquirir um repertório linguístico amplo e diversificado, além de promover o desenvolvimento da capacidade cognitiva que faz com que tome decisões/escolhas tradutórias mais rápidas e eficazes, como também em suas vivências junto à comunidade surda quando ainda não atuava

como intérprete profissional. À despeito desta última, ela conta que costumava praticar entre amigos, em rodas de conversa que aconteciam na Associação de Surdos de São Paulo e em outros lugares que proporcionavam contato direto com as línguas de sinais, onde ocasionalmente tivesse algum ouvinte que não dominasse a Libras, fazendo essa ponte comunicativa, mediação linguística-cultural. Além dos “treinos” que vale ressaltar, se concretizaram em encontros espontâneos da comunidade, nos mais diversos ambientes, viabilizando a apreensão de conceitos em múltiplos assuntos, Sylvia salienta que um conhecimento aprofundado na Língua portuguesa corrobora para que durante uma interpretação, consiga organizar mentalmente e de modo satisfatório, a gramática diferente entre as línguas orais e de sinais. Vivenciar os contextos de aplicação do uso real da língua associado aos saberes estruturais do funcionamento das línguas naturais, como os estudos lexicais, morfossintáticos e semânticos, em conjunto, proporcionam uma comunicação clara e eficaz.

Como a maioria de suas práticas na direcionalidade Libras>português aconteceram no âmbito/esfera artístico-cultural, mais precisamente no gênero teatro, é válido acrescentar que:

(...) no teatro, a interpretação de língua de sinais recai entre esses dois enquadramentos teóricos (da tradução e da interpretação), visto que o texto fonte é disponibilizado por escrito antes de ser enunciado no palco, e para que a interpretação se dê de forma adequada, é necessário um estudo prévio, em um determinado tempo e espaço que antecede a apresentação. Contudo, a enunciação na língua de chegada ocorre simultaneamente à enunciação na língua de partida, no momento único de sua realização, sujeita a improvisos; portanto, a interpretação no teatro não é unicamente tradução, nem unicamente interpretação (Fomim, 2020, p. 116).

Logo, numa esfera onde a materialização do enunciado, articula e se constitui em linguagem verbal e visual na produção de sentidos, inseparáveis entre si (Brait, 2013; Nascimento, 2014), a não apreensão da dimensão visual externa à língua, acabaria por prejudicar o sentido como um todo. A concorrência entre essas dimensões, visualidade da cena e interpretação em Libras, refletem não apenas no posicionamento físico-ideológico-valorativo do intérprete no palco, como também nas escolhas e estratégias tradutórias. A entrevistada discorre sobre as peculiaridades da interpretação na esfera artístico-cultural e o contato com um consultor surdo anterior ao evento, como estratégia fundamental para uma boa entrega. Quando no papel de produtora, destaca a importância de toda a produção ser construída em (con)junto com os pares surdos, desde sua concepção/gênese/origem, “pensar a poesia e a produção literária surda né, ela não vai acontecer no papel necessariamente, porque

a lógica de pensamento ela é viso espacial”. A troca e o feedback da equipe formada por sujeitos surdos, cria um espaço de diálogo entre as escolhas realizadas e os sinais produzidos, buscando a “validação” da tradução, por meio de uma perspectiva criativa e sugestiva do sujeito para com o que lhe é apresentado, ajustando o discurso sempre que necessário.

Ainda sobre as técnicas e recursos disponíveis visto/diante da imprevisibilidade e simultaneidade da interpretação, para além do contato e estudo prévio com tema e palestrante, entender quais são seus objetivos, Sylvia acrescenta a essencialidade do intérprete de apoio e o uso consciente do *lag-time*, que aparece em sua fala, como *delay*:

EXCERTO 7

E: olha, quando a gente faz tradução é::: português para libras acho que é uma formação meio::: meio para mim consenso, pelo menos na rede que eu ando que é pensar em intérprete de apoio sempre, o tempo todo. Às vezes eu tenho alguma coisa, ele sabe outra né por conta de repertório de vida mesmo é::: Tá sempre atento, o tempo todo. Eu como intérprete, eu nunca sinalizo logo que a pessoa começa assim, então eu dou um tempinho, deixa ela começar a entender o discurso e aí eu faço, eu acho que acaba acontecendo isso toda e em qualquer tradução, inclusive nas traduções orais. Eu preciso entender o conteúdo pelo menos, deixar ele formar UMA frase para depois eu ir, eu vou sempre com um pouquinho de delay mas eu acho que é importante mesmo né, no sentido de técnicas e estratégias. E quando a gente faz o oposto de libras para português, o que eu costumo fazer com os meus pares, é estar sempre uma do lado da outra ou uma atrás da outra, sempre vendo o discurso, eu tô aqui com microfone ou falando e a pessoa junto seguindo, tipo assim “olha ela falou isso e tal”. Porque aí a gente consegue ter uma entrega... Às vezes acontece “putz perdi esse contexto” mas ela sussurrou, eu já emendo na frase seguinte pensando né essas... conexões da língua portuguesa, como se elas vão fazer sentido para quem está ouvindo.

Ao ser questionada referente ao teste avaliativo, no qual consiste em uma pergunta auto-perceptiva sobre os próprios níveis de compreensão e produção em língua de sinais, em relação aos parâmetros descritos anteriormente, obtive a segunda resposta:

EXCERTO 8

E: olha, eu sou uma pessoa que tem uma::: auto-cobrança muito grande ((risos)) então eu jamais me daria excelente, eu acho que a minha produção ela é boa, a minha compreensão ela é boa também, boa pra mais aí se tivesse talvez um 4,5 é::: porque eu acho que é isso, é uma língua viva, ela tá se modificando, as pessoas surdas elas estão estudando muito mais e também estão criando termos novos e aí é isso, eu também não dou conta de acompanhar todas as discussões que eu gostaria né. Então por exemplo, se eu sou uma pessoa LGBT então para entender todas as nuances que fazem parte da discussão da população LGBT, a gente precisa também pensar um sinalar específico para isso (...) da onde vem esse sinal? então também pensar a origem, para pensar se faz sentido manter ou não, se tem que mudar... eu não dou conta de acompanhar todas essas discussões, de todos os grupos.

Participo de todos eles mas não dou conta de acompanhar tudo, então eu acho que é bom para os dois, nota 4 para os dois... é, igual.

A participante, como ela própria relata, por se considerar exigente demais consigo mesma e com a entrega de seus trabalhos, se coloca em “nível 4 (bom)”, sugerindo ainda uma pontuação intermediária entre bom e excelente “4,5” para sua compreensão, justificando em seguida o motivo pelo qual não se daria “nota máxima”. Justificativa essa, atribuída a vivacidade e mutabilidade da língua, uma língua natural em constante movimento e evolução, perante os embates das singularidades dos indivíduos surdos para além da comunidade que os une através da diferença linguística. Em complemento à sua fala, Sylvia pontua em tom duvidoso sobre o “ser intérprete sem contato com a comunidade surda”, como algo discutido entre os pares mais próximos com quem atua. Apesar de reafirmar, que aprende muito vendo outros intérpretes atuarem, refletindo a lógica envolvida nas escolhas tradutórias dele; apesar de incentivar o consumo de conteúdo relacionado à área de atuação (no caso em específico, arte, poesia, música e filmes são percebidos como fundamentais para enriquecimento do repertório e de “possibilidades de escolhas”, conforme coloca, por trabalhar em um ambiente que lida constantemente com metáforas); sem o contato imersivo com e na comunidade surda, a interpretação independente para qual direcionalidade, poderia se apresentar deficitária em algum aspecto:

EXCERTO 9

E: Mas um intérprete que não tá junto com a comunidade surda, para mim é isso né, das mesmas competências linguísticas e de tradução e interpretação, vai faltar. Falta vivência, a vivência também ensina muito a gente né. Tem coisa que às vezes não vai estar no livro, mas que eu estando ali junto com a comunidade, trocando ali com pessoas surdas, eu vou adquirir esse repertório porque faz parte da vivência dessas pessoas que elas compartilham com a gente, então é um outro lugar. Então eu acho que a vivência também ela importante, é sempre essa lógica de teoria e prática sempre alinhadas, uma não existe sem a outra na minha opinião. Já vi muitos intérpretes muito bons de português para libras EXCELENTES, mas de quando inverte, você fala assim “não sei, acho que né, faltou alguma coisa”.

Por fim, a última pergunta pedia para que a entrevistada, comentasse sobre o conceito de direcionalidade de interpretação, o que a palavra representava para ela:

EXCERTO 10

E: não conheço esse conceito, imagino algo mas eu posso tá muito enganada, que eu acho tá? E aí você me diz o que que é depois é::: que é pensar caminhos, que escolhas tomar para determinado... para determinadas escolhas tradutoras ali naquele momento, não sei se é isso.

P: na verdade seria a interpretação de libras-português ou português-libras mas o que você falou, casa perfeitamente porque a depender da direção que você está interpretando você vai usar uma estratégia diferente né

Ainda que a E2 expresse dúvida quanto ao conceito de direcionalidade de interpretação, sugerindo que seu significado esteja atrelado a qual caminho seguir, às suas escolhas tradutórias, não podemos desconsiderar que os efeitos específicos da modalidade da língua gesto-visual (intermodalidade) envolvida no processo perpassam o uso de diferentes estratégias em cada direção. A influência da direcionalidade no processo interpretativo intermodal, ditará as estratégias possíveis, demandará mais ou menos esforços cognitivos, bem como exigirá competências tradutórias específicas, as quais Rodrigues (2018) denomina CTi “um modelo específico de competência intermodal [...] precisar dar conta do impacto da modalidade de língua sobre a competência do tradutor” (p. 312), sugerindo que há componentes exclusivos característicos de uma língua gesto-visual que exigiria habilidades distintas dos intérpretes unimodais, tais como habilidades corporais, visuais, motoras, cinestésicas entre outras.

4.1.3. Síntese das análises verticais

Para a construção da análise vertical, utilizaremos um quadro comparativo inspirado em Campos (2021), onde apontaremos os principais eixos abordados nas entrevistas e a síntese das respostas obtidas, com base em um roteiro organizado previamente à realização das entrevistas, que serviu como estratégia orientadora para instigar os objetivos pretendidos com a pesquisa. Nessa relação dialógica entre sujeito pesquisador, sujeito entrevistador e sujeito entrevistado, cria-se uma outra perspectiva, onde entrevistador se torna parte do processo de produção e análise do enunciado (Campos, 2021).

Eixos	E1	E2
Processo de aquisição da Libras como L2	O aprendizado da língua se deu no âmbito de curso de graduação; antes de adentrar na faculdade sabia somente conceitos relativos ao que é a Libras e o sujeito surdo.	É formada em artes visuais e em 2015, realizou o Prolibras, obtendo a certificação para atuar profissionalmente, mas antes disso, teve contato com a Libras durante um curso básico oferecido pela instituição em que trabalhava (2012), buscando-se aprofundar na comunidade e foi na vivência que de fato adquiriu a língua.
Motivação para se tornar tradutor-intérprete profissionalmente	Curiosidade em aprender uma outra língua que não a oral; influência das <i>lives</i> musicais na época da pandemia.	Após 1º contato com a língua e a facilidade de aprendizado, surgiu interesse em adentrar o universo surdo motivada pela questão (falta de) acessibilidade; posteriormente, foi incentivada pelos próprios amigos surdos a exercer/pensar a atuação de

		forma profissional.
Contextos de uso da língua/ambientes que lembra ter atuado	Predominantemente, o estágio têm lhe proporcionado práticas no âmbito educacional, salvo algumas outras (poucas) experiências em palestras e na Associação de Surdos de SC.	Já atuou no contexto comunitário; experiências no ambiente acadêmico; como educadora, produtora, intérprete e atriz-sinalizante na esfera cultural, na qual tem vasta experiência e familiaridade.
Como se auto-avalia em relação à compreensão e produção em Libras (separadamente)	Produção em Libras: 4 Compreensão em Libras: 3	Produção em Libras: 4 Compreensão em Libras: 4
Conceito de direcionalidade de interpretação e se há preferência por alguma (direta ou inversa)	Assimila o conceito de forma clara, segundo relata ter sido abordado em vários momentos durante a graduação. Diz preferir trabalhar na direção inversa (português-Libras).	Expressa dúvida em relação à pergunta; sugere que o conceito se refere ao caminho que tomamos durante a interpretação (escolhas tradutórias). Após explicação da pesquisadora, afirma não ter preferência.
Observação em relação às práticas realizadas, se há mais demanda em algum tipo de direcionalidade	Afirma que poucos foram os momentos em que precisou atuar na direcionalidade direta (ex: avaliação acadêmica e workshop); em sala de aula devido a baixa participação dos alunos surdos e interação ainda limitada com seus pares, a prática é quase nula.	Compreende que em termos gerais, a demanda para a direcionalidade inversa é infinitamente maior do que na direta, ainda que, segundo experiência pessoal como co-produtora do LiteraSurda (2018-2019), lhe proporcionou inúmeras práticas de Libras para o Português.
Desafios e estratégias possíveis usadas na interpretação (português-Libras)	Apresenta dificuldade em relação ao vocabulário quando se trata de temas que desconhece; atravessamentos outros como a exposição (julgamento-avaliativo). Como estratégia usa o estudo prévio ao material (quando disponível), paráfrase, hiperonímia (generalização) e soletração.	No geral, sente-se confiante não relatando nenhum caso específico sobre os empecilhos tradutórios, ademais complementa seu discurso com “dicas” importantes para atuação do ILS: acesso ao tema da palestra/palestrante (se possível) para entender o objetivo comunicacional; consumo de materiais relacionados ao assunto (conhecimento referencial) e em destaque, traz a vivência na comunidade surda, como enriquecedora para sua prática.
Desafios e estratégias possíveis usadas na interpretação (Libras-português)	Relata maior dificuldade do que na operação inversa; diz que o fato de estar acostumada com a “Libras do curso”, acaba se fechando frente à outras possibilidades de aprendizado, o que dificulta quando precisa vocalizar um surdo que nunca teve contato antes (pouco contato fora do âmbito institucional, acesso limitado às variações linguísticas). Acha a aplicação de estratégias mais complicadas e não-automáticas, sugere que nessa direcionalidade acaba por se desgastar mais (dificuldade em “achar” as palavras certas e	Propõe que estudar a língua portuguesa e saber a aplicação do contexto real de uso das palavras (na interação), favorece a construção de sentido lógico nesse tipo de interpretação; contato direto com o consultor surdo no preparo/estudo prévio da palestra ou evento; quando estava começando, treinava junto aos seus amigos em rodas de conversa; hoje por ter um repertório vasto e a vivência próxima e imersiva ao longo de anos na comunidade, diz se sentir tranquila em sua atuação (feedback positivo). Também destaca a importância do intérprete-de-apoio e do <i>lag-time</i> em ambas as direcionalidades.

	organizá-las). Medo de descontextualizar o discurso. Salienta a importância do intérprete de apoio.	
--	---	--

4.2 Análise na Horizontalidade

Na análise horizontal, uma breve colocação dos enunciados será descrita individualmente (com base na análise vertical apresentada anteriormente), de modo que no decorrer das análises neste subcapítulo, pontos congruentes entre as entrevistas serão apresentados, buscando-se as generalizações. O conjunto do todo, de todos os enunciados passa ser seu objeto e é de sua escolha, pesquisador-investigador a seleção do que poderá ser generalizado (Campos, 2021).

Seguiremos a partir de agora com a análise horizontal, focando nos principais eixos abordados durante as entrevistas, através dos trechos destacados consolidados por meio de enunciados concretos. Dividirei a narrativa em tópicos, conforme a relevância para que os objetivos da pesquisa sejam atendidos, abordando perspectivas, realidades e desafios profissionais e pessoais no campo ETILS.

4.2.1. Processo de aquisição da Libras como L2

Conforme pressuposto na metodologia, a escolha das entrevistadas se deu por requisitos/critérios pré-estabelecidos, sendo a variável “anos de experiência” e “formação específica na área de tradução e interpretação Libras-Português” como fator determinante para a realização da pesquisa, já que se desdobra do objetivo central (analisar discursos sobre direcionalidade de interpretação), objetivos específicos que pretendiam abordar a questão da preferência entre dois perfis diferentes (intérpretes de Libras-português profissionais e estudantes de graduação de tradução e interpretação de Libras-português). Diversas pesquisas apontam para uma crescente mudança no perfil dos graduandos que atualmente ingressam no curso TILSP (Martins e Nascimento, 2015; De Lucca, 2020; Aro, 2024), sendo em sua maioria estudantes que não tem conhecimento prévio da Libras, nem contato com a comunidade surda. Dentre a possibilidade de selecionarmos alguém fora desse perfil, optamos por convidar uma participante que demonstrou interesse em colaborar com a pesquisa, que se enquadrasse nesse novo cenário de atuação, onde interesses profissionais não surgem

exclusivamente no meio religioso ou assistencial, conforme foi marcado o início dos trabalhos nessa área.

Em contrapartida, a entrevistada representante do perfil 2, começou sua jornada após primeiro contato com a Libras em um curso básico oferecido pela instituição na qual trabalhava como educadora na época, cujo objetivo era oferecer acessibilidade para o público frequentador do museu. Ainda que, nesse período atuava na informalidade junto à comunidade surda, dispensa o título de trabalho voluntariado, fortemente atrelado às primeiras práticas no contexto comunitário. Com o avanço das legislações acerca das línguas de sinais a partir dos anos 2000 e conseqüentemente, o surgimento de cursos profissionalizantes em tradução e interpretação de modalidades e níveis diferentes, os intérpretes que antes atuavam na informalidade, inclusive exercendo outras funções (conforme relata a segunda entrevistada, sua primeira formação é em artes visuais), passam a buscar de forma profissional sua atuação como tradutor-intérprete (Gambini; Fontana, 2016).

A E2 no caso, conquistou a certificação ProLibras em 2015 e a partir da qualificação, apenas tendo feito um curso introdutório na língua, mas muita bagagem linguística-cultural edificada nas relações sociais com os surdos, procurou cursos livres que agregassem conhecimento na sua área de trabalho (artístico-cultural), além de técnicas que pudesse agregar e aprimorar relativas ao como interpretar. De acordo com a própria entrevistada: “eu saber a língua, eu dominar a língua, ter lá...libras avançado, não significa que eu tenho competência de um tradutor intérprete, que é outra coisa” (Excerto 11 – SYLVIA). Rodrigues (2018) esclarece que a competência tradutória, concomitantemente ao aprendizado de Libras como L2, engloba adquirir conhecimento sobre os processos e suas especificidades (tradução e interpretação), sobre as modalidades da língua (gesto-visual e oral-auditiva) e seus efeitos, para assim, adquirir habilidades aplicáveis ao seu trabalho que o tornarão um trabalho consciente e metacognitivo, orientando inclusive, suas decisões éticas e estratégias tradutórias-interpretativas na prática.

Um ponto similar em que os enunciados se cruzam, diz respeito a evolução do aprendizado e fator favorável à aquisição linguística, o contato com os surdos. A primeira entrevistada, apesar de não ter tido contato anterior ao ingresso na faculdade com representantes da comunidade surda, diz que a volta às aulas presenciais após um ano do início da graduação ofertado remotamente (por conta da pandemia), foi essencial para que de fato, o processo de aquisição da Libras acontecesse, ainda que limitado ao âmbito acadêmico (contato com professores surdos). Já a segunda entrevista, que visualiza a comunidade surda

como o espaço que lhe proporcionou adquirir a Libras como L2, em todo momento traz em sua fala, a importância dessa troca entre os pares surdos para o alcance da competência linguística, pondo em dúvida a formação prioritariamente teórica, a formação sem vivência, sem interação e compartilhamento de saberes dos usuários da língua de sinais, que a têm como primeira língua, sua língua natural.

4.2.2 Motivação para tornar-se tradutor-intérprete profissionalmente

Os interesses em busca da profissionalização, atravessam fundamentalmente questionamentos pessoais que refletem o conceito de acessibilidade, impulsionado pela adoção de políticas públicas ainda controverso quanto à sua aplicação. Ainda que o acesso aos espaços públicos seja legalmente garantido ao sujeito surdo, compreendendo acesso à arte e cultura (Feneis, 1988; UNESCO, 1996; Brasil, 1988), esses espaços não contam com acessibilidade integral e pensada/planejada com base nas características visuais próprias das línguas de sinais. Frequentemente, a presença de um mediador é solicitada após a chegada do surdo. Infelizmente, a preocupação em oferecer um conteúdo acessível (tendo como recurso a Libras e outras tecnologias assistivas), parte na maioria das vezes, por conta de uma obrigação legal e não consciente do direito linguístico. Porém na pandemia, presenciamos uma ação espontânea da classe artística no que tange a acessibilidade em Libras; as *lives* musicais principalmente, como parte da esfera do entretenimento se tornaram um meio de conectar cantores e público e em um movimento espontâneo da classe artística, a ideia de tornar o conteúdo acessível em Libras; foi nesse contexto que a categoria “intérpretes de línguas de sinais” obteve maior visibilidade midiática (Brito, 2021), chamando a atenção para a atuação dos profissionais, como aconteceu com a E1. Segundo ela relata, a vontade de aprender outra língua que não a oral, foi influenciada pela alta das *lives* durante o período de isolamento social e afirma que isso impactou na sua escolha formativa.

A segunda entrevistada trilhou um caminho bem diferente e quando a palavra “pandemia” aparece em sua fala, mesmo que reconheça um cenário expressivo que fomentou discussões à respeito da acessibilidade aos bens e serviços culturais, evidenciando um marco importante para a comunidade surda, relata a posição de vulnerabilidade que os surdos, à margem da sociedade encontravam no dia a dia, como o acesso à informação negada ou

desqualificada, apontando para uma comunicação falha e despreparo dos setores da saúde em atendê-los.

Como educadora, antes de ser intérprete, sempre ponderou a questão da inclusão social e a democratização ao acesso, sendo a cultura um pilar importante da identidade individual e coletiva; por isso visto a facilidade com que aprendeu Libras em um primeiro contato, ainda que básico, a motivou para que buscasse outras formas de interagir com o público surdo frequentador do museu onde trabalhava, para além do ambiente da instituição e naturalmente, se viu envolvida com a comunidade. Graduada em Artes Visuais, diz que sua “memória visual” juntamente com a participação ativa e espontânea na comunidade, contribuiu para que adquirisse a língua. Foram seus próprios amigos surdos, que a incentivaram procurar uma certificação (Prolibras) para que pudesse atuar como intérprete profissionalmente. Além da demanda crescente após o fortalecimento da legislação por intérpretes qualificados, o feedback positivo dos surdos com quem convivia, encorajou E2 a mudar de profissão, ou melhor, a agregar na sua atuação visto que o papel de educadora segundo pondera, leva consigo a todo momento.

4.2.3 Contextos de uso da língua/ambientes que lembra ter atuado

Bakhtin relaciona em suas obras, a coexistência de enunciado, gênero e esfera de atividade (2016), para assim definir gêneros discursivos como sendo tipos de enunciados relativamente estáveis que ganham sentido associados às situações comunicacionais em que se concretizam. Ou seja, a depender da esfera social em que ocorre a materialização linguística, o autor (neste caso, representado pelo intérprete) organizará seu discurso, influenciando suas escolhas tradutórias durante os “atos de fala” (para que atinja seu público-alvo, preservando o objetivo comunicacional). Logo, os gêneros se constituem em diferentes esferas sociais intrinsecamente conectados às atividades de atuação humana. Enquanto as práticas de interação da E2 com os surdos se consolidaram em um primeiro momento, no cotidiano (gêneros primários) e posteriormente, se estenderam para ambientes mais formais (gêneros secundários), as esferas de produção da língua, especificamente da língua de sinais da E1, trilharam o caminho inverso, partindo do ambiente acadêmico e escolar (durante o estágio), onde prevalece predominantemente, os gêneros secundários para hoje alcançar ainda que em menor grau, contextos informais. Isso nos mostra um aspecto/elemento importante

relativo às práticas de atuação das intérpretes participantes. O uso da língua em situações reais de comunicação, ajuda a entender como a língua é usada em contextos variados. Logo, para o aprendizado de uma segunda língua, a prática em diferentes gêneros discursivos pode propiciar o desenvolvimento de capacidades fundamentais relativas à linguagem e como ela se manifesta, estimulando a apropriação de conhecimentos linguístico-culturais (competência sociolinguística).

No ambiente escolar, a produção de sentidos perpassa a relação dos interlocutores: professor, intérprete e aluno surdo, além do conteúdo abordado em sala de aula; cada um com seu lugar social, historicamente marcado, cada qual com suas percepções. O processo de interpretação não ocorre de forma dissociada do contexto de enunciação e o discurso como produto do ato, atravessa as relações interlocutivas (dialógicas), representadas não apenas por pessoas, mas também pela relação com o conteúdo trabalhado. Seja na educação básica (E1) ou no ensino superior (E2), ambos lugares formais ainda que em níveis diferentes, o trabalho da interpretação se trata de produzir sentidos e ser compreendido (Bakhtin, 2006), processo este essencial para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem. Não me aprofundarei aqui, nas particularidades do papel do intérprete educacional, por vezes pedagógico. O que nos interessa para esta pesquisa são os desafios no processo interpretativo, apontado pelas entrevistadas como sendo prioritariamente linguísticos neste contexto de atuação.

Enquanto a entrevistada 1 relata que a variedade de disciplinas que compõe a matriz curricular do Ensino Fundamental II, organizadas por áreas de conhecimento, demandam amplo conhecimento linguístico, a entrevistada 2 discorre sobre as dificuldades com as quais se deparou atuando como intérprete na graduação, ligadas majoritariamente ao vocábulo específico, técnico e terminológico do curso que o aluno surdo que ela acompanhava estava frequentando, distante de suas vivências. É fato que, as competências linguística e referencial sobre o assunto exposto estão interseccionadas, uma vez que como estratégia quando o intérprete desconhece o “sinal próprio” (falando da interpretação de português para Libras) está à sua disposição, buscar um equivalente semântico dentro do seu repertório tradutório (escolhas linguísticas). Nesse aspecto, os textos das entrevistas se cruzam, pois o conhecimento em determinada área de atuação é posicionado pelas intérpretes, para lembrar que nem todo profissional está apto para atuar em todas e quaisquer áreas, como também a importância do acesso prévio ao conteúdo da aula para que possa oferecer uma interpretação de qualidade.

Ademais sobre os contextos das práticas que outros, as experiências individuais/particulares das participantes não se coincidem.

4.2.4 Como se autoavalia em relação à compreensão e produção em Libras

A pergunta auto-avaliativa proposta e anteriormente explicada no capítulo “Metodologia” obteve resultados parecidos conforme explícito na tabela 1; a seguir investigo as possíveis motivações para que as variáveis “anos de experiência” e “formação acadêmica na área”, tenham favorecido respostas próximas de acordo com as percepções das próprias participantes.

Para a produção em Libras, tanto E1 quanto E2, se classificaram em grau “4” numa escala que variava entre 1 à 5, porém as justificativas se distanciam. A intérprete em formação ao se auto-avaliar, apesar de expressar dúvida pois seu êxito dependeria do tema do discurso, complementa sua fala com a possibilidade de usar estratégias já conhecidas e praticadas por ela, nesse tipo de direcionalidade. A paráfrase, como um tipo de intertextualidade (dizer a mesma coisa, mas com outras palavras, neste caso sinais, mantendo o sentido original do texto parafraseado), aparece como estratégia no enunciado de Nicole, justificando sua preferência por determinada direcionalidade “quando no caso a língua-alvo seja libras, eu consigo ir adicionando informações que enriquecem mais quando tá em português, não necessariamente mudar o discurso mas se for um discurso difícil, eu consigo colocar melhor né?” (Excerto 11 – Nicole). Este trecho se entrelaça em sentidos com a fala de Sylvia, apesar da entrevistada não relatar preferência: “porque às vezes a gente tem ali um discurso:: muito prolixo (...) e aí não eu não tenho o equivalente em sinais em Libras. Mas eu preciso entender dentro desse discurso prolixo é: exatamente o que que ele quer dizer” (Excerto 6 – Sylvia). Fica nítido nos excertos em destaque, que a polifonia (conceito bakhtiniano) orienta e se faz presente na voz/sinalização do intérprete; em sua própria releitura dialogam-se com outras vozes, público-alvo e falante original, além de sua própria compreensão da mensagem que atravessa outros enunciados que o influenciaram ou inspiraram. Não há voz que se sobressaia à outra, apesar de o intérprete ser o centro organizador, co-autor do discurso.

Essa é uma das possíveis estratégias disponível na interpretação intramodal e intermodal, porém quando nos referimos especificamente a interpretação que envolve uma língua de modalidade gesto-visual, exclusivamente na direção língua oral>língua de sinais,

temos a soletração e o uso de *mouthings* (articulação oral das palavras junto aos sinais). Em outro trecho da entrevista, Nicole fala sobre a adição de sinais como forma de adicionar mais informações visuais ao texto com o intuito de enriquecer o discurso em Libras. Barbosa (2020) relaciona essa e outras estratégias possíveis na interpretação do par linguístico Libras-português em um quadro no qual sintetiza não só a definição da estratégia como também os impactos na interpretação.

Já a E2, esclarece a nota 4 que se deu para a produção em Libras, devido à dificuldade de acompanhar a mutabilidade da língua. É válido lembrar que assim como qualquer outra língua humana, a Libras passa por um processo contínuo de variação e mudança, ocasionada por inúmeros motivos, tal como o contato com outras línguas. Mais recentemente, discussões conscientes que vêm acontecendo dentro da comunidade surda e na academia, sobre a etimologia de sinais e a necessidade em alguns casos, de propor novos sinais que substituam os que já não fazem sentido (do ponto de vista icônico), assim como a criação de sinais específicos que compreenda/corresponda a determinada terminologia, enfatizando o estudo do léxico na língua de sinais como valorativo e imprescindível para o debate e troca de conhecimentos. Isso nos faz refletir sobre as diversas formas de existência do sujeito surdo (suas subjetividades) para além da comunidade como pertencente a comunidades mais amplas (Sylvia cita à exemplo, a comunidade LGBT+), assim como corroboram os autores (Silva; Stumpf; Luchi, 2023/2024) ao dizerem que a propagação de glossários e dicionários específicos, principalmente no meio virtual, contribuem para a visibilidade das identidades surdas e a disseminação de pautas relevantes para comunidades marginalizadas interseccionadas; autores e entrevistada, fazem referência à algo que vêm se fortalecendo enquanto perspectiva: o multiculturalismo.

Em relação a compreensão da Libras na direcionalidade direta de interpretação, as participantes se encontram em níveis diferentes, segundo o questionário auto-perceptivo respondido por elas durante a entrevista. A E2, sugere ainda uma nota intermediária entre 4 e 5 (4,5) para classificar sua compreensão, enquanto a E1 se habilita como nível 3, complementando sua justificativa com “depende muito de quem tá falando”, comentário este que nos traz alguns pontos relevantes sobre as dificuldades nesta direcionalidade que se deparam intérpretes em formação.

Conforme Viana (2022) aponta em sua pesquisa com base nos estudos de Gile (2009, 2021), há algumas situações bastante previsíveis que desencadeariam um maior e exaustivo uso do processamento cognitivo pelo intérprete, ocasionando em erros e omissões no texto-

alvo. O fluxo rápido e/ou denso com que discursa o palestrante, nomes próprios, termos técnicos e números extensos são alguns exemplos de gatilhos que prejudicariam a atuação do intérprete no momento da interpretação. Tais problemas não são dependentes unicamente de uma direcionalidade ou modalidade linguística, porém a interpretação de Libras>português é percebida pelos intérpretes de língua de sinais, como a direção mais desafiadora (Pöchhaker, 2004). Junta-se à isso, outros fatores como o treinamento teórico-prático recebido durante a graduação/formação ser maior na direcionalidade inversa, inclusive as práticas propiciadas no estágio obrigatório; a grande dificuldade por parte dos intérpretes que não tem contato com a comunidade surda fora do âmbito institucional em compreender a língua de sinais e suas variações; o monitoramento automático na produção oral, o que causaria estranhamento quando erros fossem detectados; e devido ao fato que surdos tendem a ser mais tolerantes à uma interpretação ruim se comparado com ouvintes diante um discurso desconexo.

Conforme observado por Nicodemus e Emorrey (2013), na interpretação da língua de sinais americana (ASL) para o Inglês, há alguns fatores que limitariam o uso de estratégias conhecidas pelos intérpretes mais novatos. O fato de não poder recorrer a soletração ao mesmo tempo que intérpretes novatos tem maior dificuldade em compreender a datilologia em uma sinalização; o uso da transliteração que ocasionaria produções agramaticais, prática aceitável pelo público surdo porém rejeitada pelos ouvintes; a diversidade de sinalização entre a comunidade surda, diversidade essa não dominada por intérpretes mais novatos; e o automonitoramento automático na direcionalidade ASL>Inglês, recebendo de prontidão um *feedback*, nem sempre positivo quanto à sua atuação. Todos esses fatores acarretariam um discurso desqualificado em sentidos, além de desqualificar o sujeito surdo propagando/perpetuando a imagem (erroneamente) enraizada na sociedade de um sujeito incapaz. Sobre o papel responsável e responsável do intérprete, ambas entrevistadas demonstram plena consciência inclusive, tal fato é apontado pela E1 devido sua pouca experiência na direcionalidade direta, como fator preocupante que lhe causa insegurança nesta prática (falta de controle).

4.2.5 Conceito de direcionalidade de interpretação e preferência

O conceito de direcionalidade de interpretação já abarcado nesse estudo conforme definido por Rodrigues (2018), é amplamente discutido no âmbito acadêmico, logo a

apropriação de seu significado se mostra claro àqueles que passam por um processo formativo. Ademais, para os intérpretes que nunca ouviram falar na palavra “direcionalidade”, mas relacionam seu significado com estratégias possíveis durante a interpretação, não estão ao todo, equivocados. “Há um conjunto de fatores linguísticos e extralinguísticos que se relacionam à direcionalidade do processo interpretativo intermodal” (Rodrigues, 2018, p. 14). Cada direção apresenta características particulares, exigindo do intérprete habilidades específicas para saber atuar e transitar entre as duas direcionalidades, entre línguas de modalidades diferentes, que demanda metodologias de aprendizado e recursos operacionais-cognitivos próprios para cada direção.

A preferência por determinada direção nas práticas interpretativas, apresenta nuances entre os grupos estudados. A entrevistada 1 que se enquadra no perfil “intérprete em formação”, que afirma ter concluído dois estágios obrigatórios não expressa dúvida quanto à pergunta “preferência por direcionalidade”, respondendo de prontidão que prefere trabalhar na direcionalidade Português>Libras. A entrevistada 2, do perfil “intérprete com no mínimo 5 anos de experiência”, sem formação acadêmica especificamente na área de tradução e interpretação em Libras, quando fez a mesma pergunta após explicar o conceito de direcionalidade, respondeu com tranquilidade que não tinha preferência alguma, por se sentir confortável em atuar nas duas direções. Vários pontos, conforme a própria entrevistada que relatou haver preferência de atuação na direcionalidade inversa, usa para justificar sua escolha se relacionam com as possibilidades que influenciariam a preferência de interpretar de L1 (língua oral) para L2 (língua de sinais) dos intérpretes bimodais, dado este levantado através da pesquisa de Nicodemus e Emorrey (2013). Compreendem os autores que as habilidades dos intérpretes bimodais são relativamente melhores na produção em ASL do que na compreensão da ASL, devido a ênfase dada durante a formação assim como uma maior demanda social na direcionalidade Inglês>ASL. Articulando essa informação com o enunciado de Nicole, podemos traçar um paralelo que contribuiria para justificar a preferência pela direcionalidade inversa português>Libras da participante E1. Mais práticas e mais experiências em determinada direção, geram por consequência, o aprendizado de estratégias e apropriação crescente/cumulativa de repertório, fazendo com que o esforço mental envolvido no processo seja menos desgastante se comparado com a interpretação direta (mais rapidez e agilidade em suas escolhas tradutórias). O monitoramento não-automático que salvo algumas exceções ligadas às esferas de atividade (como por exemplo, o gênero jornalístico na esfera jornalística), não assegura que o intérprete detecte erros simultaneamente, já que não

consegue se ver em tempo real. A grande variedade linguística dentro da comunidade surda para além dos muros da universidade, limitando seu conhecimento ao que lhe é passado no curso:

EXCERTO 12 - NICOLE

E1: [...] quando eu vi alguém do Tilsp, que já estudou no Tilsp interpretando, eu conseguia entender muito claro e eu me identificava. E quando era alguém fora do Tilsp, eu ficava tipo “nossa, é uma escolha muito interessante! eu nunca usaria isso”. É tipo um choque de cultura né, porque a gente tá na forminha do Tilsp, aí a gente sai, o bolinho prontinho ((risos)) aí as pessoas que crescem com surdos ou tem contato de outras formas, parece muito orgânico sabe? Se fica “realmente, isso é bem interessante”.

A segunda entrevistada, diz que o fato de sentir confortável trabalhando nas duas direcionalidades, se deve ao fato de receber feedback positivo dos pares com quem convive e trabalha, surdos e outros intérpretes. Também evidencia em outro trecho, que a troca de saberes com os usuários nativos da língua de sinais, os surdos, são encontros potencializadores no aprendizado da Libras como L2, o que influenciaria positivamente em escolhas linguísticas mais apropriadas prevalecendo o sentido cultural, independente de qual direção esteja interpretando.

4.2.6 Direcionalidades e demandas

Apesar da divergência entre as experiências de contexto de atuação das intérpretes entrevistadas, em número de práticas e diversidade de gêneros e esferas, o que é absolutamente normal visto que adotamos para este estudo, a variável “anos de experiência” como fator determinante para a escolha do corpus da pesquisa, as percepções de E1 e E2 se assemelham ao discorrerem sobre as demandas serem maior ou menor em alguma direcionalidade. Ambas concordam que, não só pelas suas vivências, mas também pela análise do contexto atual social e de trabalho, que a demanda pela direcionalidade inversa (português>Libras) é constantemente maior, questionando por vezes, algumas situações em que ouvintes são a minoria e ainda assim, são prioridade no ambiente sendo o discurso proferido em língua oral.

De fato, a expansão do sujeito surdo e de sua língua, após a promulgação das leis (conquistadas através do ativismo da comunidade na luta pelos seus direitos), garantiu-lhes visibilidade como cidadãos conscientes participantes do meio social, ainda que em prática, a questão da acessibilidade linguística há muito que ser melhorada. Os espaços públicos em sua maioria, se encontram despreparados para dar suporte linguístico. Aquém, a transição deste

sujeito entre espaços sociais diversificados propõe desafios para os TILS para além do contexto comunitário; de acordo Estras e Galasso (2017), entre 2010 e 2015, houve um crescimento de 35% de alunos surdos nas instituições de Ensino Superior, reflexo das políticas públicas. Sua ascensão em variadas esferas da atividade humana é uma vitória que caminha lentamente, mas que já é notório no campo de estudos ETILS. Os interlocutores, se tornam locutores de sua própria história e isso é magnífico “os surdos vêm [...] narrando-se como sujeitos autônomos na linguagem e capazes de ser, fazer, significar e produzir significados” (Nascimento, 2012, p. 2).

Todavia, apesar da crescente participação dos surdos nos mais diversos espaços sociais e ascensão da visibilidade midiática de sua língua (Libras), ainda nos deparamos com algumas barreiras socioculturais, como a questão dicotômica “status linguístico versus preconceito linguístico”, que direcionam a partir da demanda do mercado e da necessidade do acesso aos serviços públicos e bens sociais, a prática profissional mais acentuada para a interpretação inversa: português>Libras. Se a partir da formação acadêmica, tradutores e intérpretes de línguas de sinais estariam aptos para trabalhar em ambas modalidades e direcionalidades de interpretação, dada a maior atenção/ênfase e a frequência em práticas na sinalização intermodal, tal operação se tornaria mais concreta e próxima ao seu trabalho/atuação. Sobre isso, Silva (2021, p. 107) observa que “por ser um trabalho mais frequente, a automatização aconteceria e a prática que esse profissional realiza nessa direção poderia gerar maior desenvolvimento da CTi na sinalização do que na vocalização ou até mesmo de uma preferência por trabalhar nessa direcionalidade”.

4.2.7 Estratégias interpretativas pautadas em ambas as direcionalidades

Para este subcapítulo, tomarei as estratégias possíveis abordadas/comentadas nos dois enunciados em ambas as direcionalidades de atuação: na interpretação Libras-português e português-Libras, atentando-se ao fato que a direção demandará competências e estratégias possíveis diferentes para cada direcionalidade mas que há algumas estratégias em comum que se interseccionam para além da direção. No encontro dos enunciados, há dois pontos similares que aparecem na fala de E1 e E2 quanto às técnicas usadas, percebido por elas como essenciais para a entrega de uma interpretação satisfatória em ambas as direções, com destaque/ênfase para o processo interpretativo Libras>português: intérprete de apoio e preparo prévio.

A preparação é visualizada como fundamental por vários motivos, dentre eles, relatam as intérpretes, os desafios da dimensão verbal e o contato com o palestrante (seja ele surdo ou ouvinte). Ou seja, apesar da interpretação simultânea acontecer em “tempo real”, o planejamento anterior ao evento (E2) ou aula (E1) com base no estudo prévio do tema e seus possíveis desdobramentos, através do material fornecido pelos organizadores/professores quando disponível ou a pesquisa referencial feita por conta própria, amplia-se o repertório linguístico e referencial do profissional. Diante os conteúdos específicos das diferentes disciplinas curriculares (conforme abordado por E1 sobre sua experiência no estágio em sala de aula) e os desafios da linguagem artística, recheada de metáforas e significados subjetivos (de acordo com a explanação da E2 sobre suas práticas na área artístico-cultural), o estudo prévio é imprescindível para que o processo interpretativo tenha êxito, com o mínimo de interrupções, omissões e erros possíveis (ambiguidade). Tendo adquirido elementos linguísticos e referências relevantes para determinado contexto de atuação, a construção de sentido pelo intérprete será mais fluída e natural, e ainda terá a sua disposição, o uso de outras estratégias complementares, “por isso é importante que o tradutor se aproprie de um conhecimento prévio do discurso que permita proporcionar possibilidades de compreensão ao surdo durante a interpretação” (MARCON, 2012, p. 239).

Não só o contato prévio com o tema que será discutido/interpretado é de suma importância, como também o contato com o enunciador. Saber não apenas quem é e o que faz, através de pesquisas em plataformas virtuais vão ser suficientes para suprir as lacunas tradutórias e qualificar o discurso fruto da interpretação, buscando incorporar muito além de palavras, significados que englobem as intenções do falante/texto-fonte. Tal apontamento é feito pelas entrevistadas como uma estratégia válida para ambas as direcionalidades, porém no processo direto (Libras-Português), onde o locutor principal é representado por um surdo, a ênfase dada pelas intérpretes é maior.

Se Nicole, traz em sua fala as limitações/preocupações do contato com a Libras restrito ao ambiente acadêmico, acostumando-se com a língua de sinais dos professores surdos com quem interage ao longo do curso/graduação, como fator que influenciaria a interpretação na direcionalidade direta (negativamente, quando desconhece o surdo), Sylvia posiciona o ambiente artístico-cultural, onde prevalece suas experiências enquanto esfera de atuação como desafiador no processo interpretativo Libras-Português. Para a profissional intérprete, propiciar o acesso linguístico à cultura, algo tão rico e simbólico, parte constitutiva do sujeito é uma experiência empolgante.

Não há uma única estratégia tradutória a ser usada durante o procedimento; quando falamos em arte, a descrição do texto-fonte, quaisquer que sejam (slam, música, filme, show etc.) possui um modo de análise subjetivo, reforçando a lógica que a (in)traduzibilidade é irrestrita. Nesse sentido, ela trabalha sempre em coletivo, com pares surdos. Não importa se é um espetáculo de Libras-português ou português-Libras. Como normalmente recebe o material para estudo prévio anteriormente ao evento, tem sempre em sua equipe a consultoria de surdo para lhe auxiliar durante o processo tradutório, mas lembra ainda, que apesar do contato com o material, o teatro é cheio de improvisos que fogem do seu controle, por isso é importante estar preparada. As figuras de linguagens diversas utilizadas na área-artística, como exemplo no gênero poema (sinalizado ou não), metáforas e metonímias, que por si só já são desafiadoras, atravessam ainda a re-textualização entre culturas e modalidades linguísticas, além da semiótica que alguns autores dizem ser características intrínsecas às traduções que envolvem língua de sinais. E2 reconhece que o potencial visual e criativo da Libras, proporciona e exige diferentes estratégias para a interpretação nesse contexto, por isso sempre reforça a parceria com o artista surdo ou sujeito, público-alvo da apresentação, para que sua interpretação atenda ao objetivo comunicacional, preservando os elementos intra e extra-textuais e o sentido seja correspondente em nível cultural.

Perguntei para E1 se havia interesse em aprofundar nessa área, visto o pouco contato até o momento da entrevista com essa esfera de atuação; ela me respondeu que achava que era um lugar para intérpretes “mais experientes” em contato com comunidade surda, visto que o ambiente demanda conhecimento de expressões linguísticas próprias da comunidade, a recorrência de metáforas e o recurso de incorporar e transitar entre diferentes personagens e suas características, algo que um ouvinte em contato com surdos, saberia marcar e descrever imageticamente melhor. Complementa sua fala, relatando uma situação que aconteceu no “estágio 1” que realizou na escola-polo bilíngue de São Carlos Dalila, sendo convidada para interpretar uma peça de teatro ressaltando que apesar do material, o livro, ter sido disponibilizado para estudos, foi surpreendida com uma música que não estava na programação. Na hora, contou com a ajuda de outras intérpretes que já trabalhavam no local, para que conseguisse continuar atuando, sem precisar omitir.

Além do estudo diário como ferramenta para apropriação da língua, ponto em comum que aparece nas entrevistas, a importância do trabalho em equipe é pontuada por ambas como uma estratégia que auxilia durante a interpretação, a fim de garantir a qualidade e saúde dos profissionais frente a carga-horária elevada. Quando em contexto de formação, como é o caso

da E1, quando as habilidades/capacidades de interpretação (coordenar o ouvir e sinalizar) ainda estão sendo desenvolvidas, trabalhar com intérprete-de-apoio pode parecer ainda mais relevante. Cabello e Pedrosa (2022) discorrem sobre esse contexto, além do apoio linguístico trabalhar em equipe proporcionaria mais estabilidade emocional e estrutura para lidar com dificuldades pois relatam intérpretes em formação, uma preocupação exacerbada com a exposição e o julgamento alheio. De fato, a assinatura do intérprete de Libras está associada à sua imagem, um dos efeitos da modalidade da língua (gesto-visual). Pereira (2008) com base em Bakhtin, relaciona o intérprete como um “profissional atormentado” pois a sua presença impõe um fingir-se neutro, invisível – algo que seria impossível quando falamos de uma língua percebida pelo canal visual. Além do mais, carregam na mobilização de discursos, sua assinatura, sua intersubjetividade. Considerando a interpretação como práticas discursivas, os TILS assumem então uma posição axiológica, sendo inevitável que seu enunciado atravesse seus valores-ideológicos assim como ao se concretizar/materializar, o enunciado atravesse valores-ideológicos de “outros”, sendo passível de julgamento.

No mais, a importância do intérprete de apoio também aparece na fala da E2, como um aspecto positivo para troca de saberes além do que, a fadiga cognitiva, o uso restrito da memória e a construção de sentenças complexas não afetam apenas os intérpretes menos experientes.

Conforme Sylvia relata, o apoio “sussurrado” na direcionalidade direta para o intérprete que está em turno, é fundamental para que complemente ou corrija informações perdidas ou que não estão claras, assim como validar o que está sendo dito por ele, mas por outro lado, exige que mais um esforço seja despendido com o intuito de não prejudicar a tarefa, demandando que a atenção voltada para o discurso surdo não se desequilibre com a atenção focada no que o intérprete de apoio está dizendo. Além deste esforço a mais, efeito da direcionalidade e da modalidade, há outro a ser observado: é comum em palestras e outros tipos de eventos, o uso de recursos visuais como os slides que favoreçam a apropriação do conceito/tema debatido, pelo público-alvo. Neste contexto, entre em jogo mais um esforço a ser pensado e trabalhado enquanto estratégia, para auxiliar o intérprete durante a realização da tarefa: gerenciar a verbo-visualidade das línguas de sinais com as visualidades dos slides, que contém informações relevantes, de acréscimo e para sanar possíveis ambiguidades/dúvidas no entendimento do discurso. A entrevistada 1, conta que durante uma prática na direcionalidade direta, admite que não soube administrar as informações contidas no slide e a sinalização da

palestrante surda que estava interpretando no momento, ocasionando em um erro que poderia ter sido evitado se tivesse apreendido os dados que continham na apresentação.

Considerando a densidade cognitiva requerida na tarefa de interpretação, diversas pesquisas foram e estão sendo realizadas, a fim de investigar os efeitos que a fadiga mental causaria no intérprete, comprometendo a qualidade da mensagem ainda que o intérprete detivesse todas as competências necessárias. Sendo o revezamento de 20 à 25 minutos (Gabrian, Willians, 2005; Napier, McKee, Goswell, 2006), o tempo máximo indicado para que ocorra a troca de turno sem afetar negativamente o texto-alvo e a saúde física e mental do intérprete. Ou seja, o papel do intérprete de apoio atravessa várias questões para além de seu apoio visto como estratégia (na forma de esclarecimentos, complementações, correções, afirmações etc.), como algo imprescindível para a consolidação da categoria profissional e seus direitos.

Por fim, as duas participantes posicionam o aprendizado contínuo da língua portuguesa como válido, não especificado como estratégia mas importante na aplicação prática dessas. A hiperonímia e a paráfrase, estratégias possíveis citadas por E1 na interpretação de português>Libras, partem da compreensão do significado das palavras, do sentido do enunciado como um todo. Só será possível aplicá-las de maneira correta, se de fato deter conhecimento sobre o assunto, sobre a língua; às vezes um sinônimo (quando não há ou desconhece um sinal específico) conseguirá manter o sentido do discurso-fonte sem que para isso prejudique a interpretação. No mesmo caminho, E2 ressalva que o estudo da língua portuguesa e a leitura amparam na solução de possíveis problemas tradutórios na interpretação indireta, e na direta (Libras>português) é essencial para que o discurso-alvo preserve as características do gênero discursivo e consiga entregar qualidade e coerência, se atentando à gramática e ao sentido.

5. Conclusão

Este trabalho teve como objetivo geral analisar discursos sobre direcionalidade na interpretação do par linguístico Libras-português de uma estudante da graduação de tradução e interpretação e de uma profissional intérprete experiente, adotando a variável para este último perfil “mínimo 5 anos de experiência sem formação acadêmica específica na área de tradução e interpretação”, sugerindo possíveis fatores que influenciariam a escolha por determinada preferência de atuação. A partir da análise geral, pudemos detectar uma lacuna no campo ETILS, referente a investigações sobre o contexto de direcionalidade que abordem além do conceito, suas nuances na prática. Há alguns trabalhos no Brasil (Santos e Rodrigues, 2020; Silva 2021; Bessa, 2022), que estendem seus estudos para além dos efeitos da intermodalidade no processo, abrangendo em suas pesquisas perguntas para os participantes a respeito da preferência por alguma direcionalidade.

Havemos que considerar, que para fins desta pesquisa, trabalhamos com uma amostra reduzida não sendo possível afirmar que a questão “preferência por direcionalidade” não perpassa transformações desde os estudos de De Santos e Rodrigues (2020), onde a não preferência por determinada direcionalidade se sobressai com 56,4%, seguida da preferência pela direcionalidade inversa (38,2%) contra 5,5% na direcionalidade direta.

Todavia, é possível articularmos o resultado desta análise com a pesquisa em grande escala realizada por Nicodemos e Emorrey (2013) de que há assimetrias de direcionalidade entre intérpretes monomodais e bimodais, e dentro deste último grupo, os menos e mais experientes. Os intérpretes bimodais que preferem trabalhar em uma direcionalidade em detrimento da outra, encontram-se no início das práticas profissionais; assim como descreve E1 sobre sua preferência de atuação indubitavelmente de português para Libras, associada à sua melhor nota na produção do que na compreensão da Libras de acordo com a pergunta auto-perceptiva. Já a E2, que participa do perfil “intérpretes experientes com no mínimo 5 anos de experiência”, não demonstra preferência por nenhuma direcionalidade de interpretação e classifica tanto sua produção quanto sua compreensão em Libras no mesmo nível, fato este notado pelas pesquisadoras norte-americanas, pois intérpretes categorizados como “experts” tendem a não expressar preferência devido seu nível de compreensão e produção serem auto-avaliados como iguais ou parecidos.

Não podemos desconsiderar, todavia, aspectos como o processo de aquisição de uma segunda língua (Libras para este estudo) ao investigar a preferência por determinada

direcionalidade; como se estabeleceu a relação entre o intérprete e as línguas de trabalho envolvidas é algo subjetivo, mas que tem desdobramentos em sua atuação. O efeito da direcionalidade na interpretação intermodal simultânea entre ILS mais experientes e menos experientes (em formação) relaciona-se aos esforços cognitivos em maior ou menor grau e a coordenação entre eles, influenciando as escolhas e estratégias usadas durante a prática. É perceptível que quanto maior o repertório de experiências práticas e o conhecimento estrutural/funcional do par linguístico com o qual se trabalha, os procedimentos vão se consolidando, as técnicas de interpretação se aprimorando e o repertório tradutório se expande. Ainda assim, há princípios que se sobressaem sobre os anos de experiência, tais como o tipo de interpretação, o ambiente e a posição axiológica do intérprete, o público-alvo, o encargo tradutório entre outros que vão impactar a tomada de decisão por parte do profissional e seu desempenho.

Os enunciados em análise abarcaram diferentes contextos de atuação, práticas desiguais em quantidade e variedades visto as esferas de atividade que as entrevistadas já tiveram oportunidade de atuar, o que era de se esperar, já que E2 tem aproximadamente 9 anos de experiência (a partir da certificação do ProLibras em 2015) e E1, teve contato com a prática durante o estágio e outras atividades curriculares, não atuando profissionalmente até o momento da entrevista. A importância do acesso prévio ao material e do trabalho em equipe são pontuados neste contexto, como ferramentas estratégicas essenciais para atingir uma boa entrega, aquém da direcionalidade.

Relativo aos objetivos específicos, (i) elaborar uma comparação qualitativa entre as preferências dos dois perfis, correlacionando as informações obtidas; (ii) trazer uma análise discursiva das entrevistas realizadas; (iii) promover uma discussão acerca da preferência e o momento histórico de formação e atuação/prática, salienta-se que foram atendidos, apenas reformulando a ideia inicial que era trabalhar com um grupo de 4 pessoas (2 em cada perfil).

Não nos cabe julgar, se a vivência na comunidade surda como lugar de aprendizado está acima da formação acadêmica, nem vice-versa; uma não exclui a outra, complementam-se. Se por um lado temos a proximidade com a comunidade, vivenciando na prática a cultura surda e o contato linguístico, vemos por outro lado, que a formação acadêmica oferece uma base teórica mais ampla, incluindo disciplinas que ensinam técnicas de tradução e interpretação, algo que apenas o aprendizado da língua não daria conta. Logo podemos dizer que os ambientes informais e formais propiciam a aquisição de competências necessárias para a atuação do intérprete de língua de sinais, sugerindo um equilíbrio entre formalizações

(graduação, cursos livres, de extensão, especialização, pós-graduação etc.) e o contato com os falantes da língua de sinais. Alinhando as duas experiências na perspectiva de atuação, formam-se intérpretes mais completos e sensíveis às nuances da comunidade surda.

Com base na literatura que fundamentou este TCC, pudemos constatar que a direcionalidade de interpretação apresenta demandas cognitivas e operacionais diferentes para o intérprete bilíngue bimodal, algo que deve ser pensado para que as universidades se atentem as novas demandas de interpretação e contemplem novos contextos de atuação, proporcionando mais práticas na direcionalidade Libras>português e mais momentos de interação entre ouvintes e surdos. Também é válido acrescentar, que a formação oferecida pelas instituições em nível superior, formam profissionais generalistas, cabendo ao intérprete de forma autônoma buscar especializações em outros níveis, de acordo com sua área de interesse profissional assim como se manter atualizado linguisticamente falando, algo que só conseguirá realizar com êxito, se em contato com pares intérpretes e principalmente, com a comunidade surda.

6. REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. C.; AGUIAR, F. S. de. A inclusão do estudante surdo no ensino superior: uma revisão de literatura. **Revista Eletrônica Multidisciplinar de Investigação Científica**, Brasil, v. 2, n. 11, 2023. DOI: 10.56166/remici.2311v2n11770. Disponível em: <https://www.remici.editorapublicar.com.br/index.php/revista/article/view/227>. Acesso em: 11 out. 2024.

ALBRES, Neiva de Aquino; RODRIGUES, Carlos Henrique; NASCIMENTO, Vinícius (org.). **Estudos da tradução e Interpretação de Línguas de Sinais**: contextos profissionais, formativos e políticos. 1. ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2022. EBook (PDF; 4,61 Mb). ISBN 978-85-524-0267-1.

AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth (Org). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2010, p. 95-114.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. ampliada. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 [1963].

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2009 [1929].

BARBOSA, Diego Maurício. **Implicações do uso de estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea**: língua portuguesa – Língua Brasileira de Sinais em contexto de conferência. 2020. 248 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

BESSA, T. **Direcionalidade em tradução**: uma análise processual em tarefas de tradução no par linguístico Libras-português. 2022. 144f. Dissertação (Mestrado em Estudos da tradução) – Faculdade de Letras/UFMG, Belo Horizonte, 2022.

BRAITH, Beth (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005, 264p.

BRITO, Isabella Maria de Oliveira. **A atuação do intérprete de libras em lives musicais durante a pandemia de COVID-19**: realidades e perspectivas. 75 fl. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Bacharelado em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais (Libras) e Língua Portuguesa, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021.

CABELLO, J.; PEDROSA, L. A atuação de intérpretes de Libras na esfera comunitária: uma experiência de formação para o trabalho em equipe. **Revista Transmutare**, Curitiba, v. 7, e15728, p. 1-17, 2022.

CAMARGO, P. G. Competência em interpretação – um breve estudo de interpretação em língua B. **Tradterm**, São Paulo, v. 23, p. 13-33, set. 2014.

CAMPOS, M. T. R. A. **Teias do tempo**: o jovem do ensino médio como sujeito na gestação do futuro. 365 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

CUNHA, D. A. C. Formas de presença do outro na circulação dos discursos. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 116-132, jan-jul 2011.

DARDE, A. O. G.; SANTANA, A. P. de O. Letramento de surdos universitários no Brasil: o bilinguismo em questão. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. 2, p. 761–782, 2021. DOI: 10.21723/riaee.v16i2.13118. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/13118>. Acesso em: 11 out. 2024.

DUARTE, A. B.; AIRES, D. M. R.; LEBEDEFF, T. B. O que significa ser bilíngue para surdos usuários de Língua Brasileira de Sinais e língua portuguesa: uma investigação sobre bilinguismo bimodal e ideologias linguísticas. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 15, n. 32, p. 49-68, 2021.

ESDRAS, D.; GALASSO, B. **Panorama da Educação de surdos no Brasil ensino superior**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2017.

ESTEVEZ, L. R. Da tradução como amortecimento. **Tradução em Revista**, v.7, p. 01-18, 2009.

FERREIRA, A. A. **Direcionalidade em tradução**: uma investigação do processamento cognitivo de tradutores profissionais em tradução direta e inversa no par linguístico inglês-português. 137 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

FERREIRA, D. **Estudos comparativos de currículos de cursos de formação de tradutores e intérpretes de Libras-Português no contexto brasileiro**. 182f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Ilha de Florianópolis, 2015.

FONSECA, S. R. **Bilinguismo bimodal**: um estudo sobre o acesso lexical em intérpretes de Libras-português. 101f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. 1 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GROSJEAN, F.; BRITO DE MELLO, H. A.; KAREN REES, D. Bilinguismo Individual. **Revista UFG**, Goiânia, v. 10, n. 5, 2017.

HEYE, J. Sobre o conceito de diglossia. In: Gorski, Edair Maria & Coelho, Izete Lehmkuhl (org). Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua. Florianópolis, Ed. UFSC, 2006, p. 69-81.

LACERDA, C. B. F.; GURGEL, T. M. A. Perfil de tradutores-intérpretes de Libras (TILS) que atuam no ensino superior no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 17, n. 3, p. 481-496, 2011.

MARCON, Andréia Mendiola. O papel do tradutor/intérprete de Libras na compreensão de conceitos pelo surdo. **ReVEL**, v. 10, n. 19, 2012. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em: 7 out. 2024.

MARTINS, V.; NASCIMENTO, V. Da formação comunitária à formação universitária (e vice-versa): novo perfil dos tradutores e intérpretes de línguas de sinais no contexto brasileiro. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n° 2, p. 78-112, jul-dez 2015.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & saúde coletiva**, v. 3, pág. 621–626, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMff/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 de Jul. 2024.

MOLON, N. D.; VIANNA, R. O Círculo de Bakhtin e a Linguística Aplicada. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 7, n° 2, p. 142-165, jul-dez 2012.

MOZZILLO DE MOURA, I. A representação dos sistemas lingüísticos no cérebro dos indivíduos bilíngües. **Caderno de Letras**, Pelotas, v. 6, n. 6, p. 73-84, 1997.

MOZZILLO, I. O code-switching: fenômeno inerente ao falante bilíngue. **Papia**, Brasília, v. 19, p. 185-200, 2009.

NASCIMENTO, V. Alteridades, discursos e saberes na formação de intérpretes de Libras-Português experientes. **Belas Infiéis**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 01-25, 2021.

NASCIMENTO, V. Contribuições bakhtianas para o estudo das línguas de sinais. **Tradterm**, São Paulo, v. 21, p. 213-236, jul 2013.

NASCIMENTO, M. V. B. **Formação de intérpretes de Libras e Língua Portuguesa: encontros de sujeitos, discursos e saberes**. 2016. 318 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

NASCIMENTO, V. **Interpretação de Libras-Português durante a pandemia de Covid-19: análise a partir de três gêneros discursivos emergentes**. 2023. 132f. Relatório final de pós-doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Linguística/USP, São Paulo, 2023.

NASCIMENTO, V.; MELO, L. M.; NICHOLS, G. Para além do currículo: a extensão universitária como espaço de ensino-aprendizagem da Tradução Audiovisual da Língua de Sinais (TALS). **Revista Linguagem em Foco**, v.15, n.2, p. 142-159, 2023.

NICHOLS, Guilherme. **Introdução à Língua Brasileira de Sinais**: Libras / Guilherme Nichols, Vanessa Regina de Oliveira Martins. -- Documento eletrônico -- São Carlos: EDESP-UFSCar, 2022. 80 p.

NICODEMUS B.; EMORREY K. Direction asymmetries in spoken and signed language interpreting. **Bilingualism: Language and Cognition**, v. 16, p. 624-636, 2013.

NOGUEIRA, T. C. **Intérpretes de Libras-Português no contexto de conferência**: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine. 2016. 213 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2016.

PAVLOVIĆ, N. Directionality in Collaborative Translation Processes: A Study of Novice Translators. **Unpublished Ph.D. Thesis**. Tarragona: Universitat Rovira i Virgili, 2007.

PEREIRA, M. C. P.; FRONZA C. A. Proficiência linguística e fluência em Língua de Sinais: uma necessária revisão teórica. In: (anais do VI) VI Encontro de Pós-Graduação e Pesquisa. Fortaleza: Unifor, 2006.

PEREIRA, M. C. P. Interpretação interlíngua: as especificidades da interpretação de língua de sinais. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, UFSC/PGET: 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2008v1n21p135>

PÖCHHACKER, F. Interpreters and ideology: From ‘between’ to ‘within’. **Across Languages and Cultures**, 2006, v.7, n. 2, p. 191-207.

PRETI, Dino; RODRIGUES, Angela Cecília Souza. **Análise de textos orais**. FFLCH/USP, 1993.

QUADROS, R.; KARNOPP, L. B. Língua de sinais brasileira. Estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RAMOS, F. M. E. Uma leitura do discurso do outro nos estudos da linguagem. **Revista do GELNE**, Piauí, v. 12, n. 1/2, 2010.

RODRIGUES, C. H. Formação de Intérpretes e Tradutores de Língua de Sinais nas Universidades Federais Brasileiras: constatações, desafios e propostas para o desenho curricular. **Translatio**, v. 15, p. 197-222, 2018.

RODRIGUES, C. H. Interpretação simultânea intermodal: sobreposição, performance corporal-visual e direcionalidade inversa. **Revista Da Anpoll**, Florianópolis, V. 1 N. 44, p. 111–129, 2018.

RODRIGUES, C. H. Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 51, p. 287-318, jan-abril 2018.

RODRIGUES, Carlos Henrique. **A interpretação para a língua de sinais brasileira: efeitos de modalidade e processos inferenciais**. 2013. 112 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

SILVA, L. R.; STUMPF, M. R.; LUCHI, M. Um estudo sobre práticas linguísticas LGBTTIAPN+ em Libras: interconexões entre léxico em línguas de sinais, plataformas digitais e redes sociais, **GTLex**, Uberlândia, v. 9, e0913, p. 1-17, 2023/2014.

SILVA, C. S. do V. Poder e fidelidade na interpretação. **Revista TradTerm**, São Paulo, v. 23, p. 59-82, set 2014.

SILVA, C.; MARTINS, M. **Questões de poder e ideologia nos estudos e na prática da interpretação**. 2013. 87 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2013.

SILVA, V. T. C. **Direcionalidade na pesquisa empírico-experimental em interpretação intermodal entre Libras e português**. 2021. 201f. Dissertação (Mestrado em Estudos da tradução) – Centro de comunicação e expressão/UFSC, Florianópolis, 2021.

SILVEIRA, C. H.; KARNOPP, L. B. Literatura surda: análise introdutória de poemas em Libras. **Nonada: Letras em revista**, vol. 2, n. 21, 2013

SOUZA, S. X. Reflexões comparativas sobre procedimentos tradutórios aos português de poemas em língua brasileira de sinais. **Mutatis Mutandis**, v. 7, n. 1, 2014.

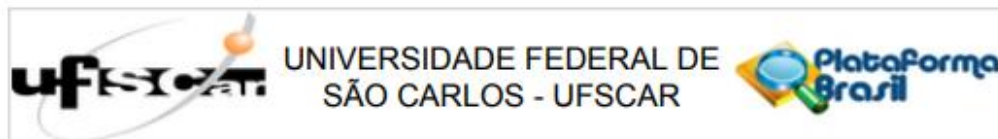
SOUZA, N. T. S. O ato tradutório e interpretativo analisado a partir da perspectiva bakhtiniana. **Revista de Ciências Humanas**, v. 18, n. 2, jul-dez 2018.

TASSARA, V.; RODRIGUES C. H.; FONSECA N. B. L. Efeitos da modalidade na interpretação de fábulas no par linguístico Libras-português: recorte de uma pesquisa empírico-experimental. **PERcursos Linguísticos**, Vitória/ES, v. 12, nº 32, p.127-143, 2022.

ZAMPIER, P.; GONÇALVES J. L. V. R. Análise curricular de cursos de graduação de formação de tradutores e intérpretes de Libras-português: um panorama do desenvolvimento da competência tradutória. In: RODRIGUES, C. H., QUADROS, R. M. (Org). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais**. 1ª ed. Florianópolis: Insular, 2020, 394p.

7. ANEXOS

ANEXO 1



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Preferência por direcionalidade na interpretação do par linguístico Libras-português: uma análise entre estudantes de graduação e intérpretes profissionais

Pesquisador: MARCUS VINICIUS BATISTA NASCIMENTO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 77878724.7.0000.5504

Instituição Proponente: CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.866.301

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram extraídas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2292416.pdf, de 25/04/2024) e/ou do Projeto Detalhado (Projeto_Leticia_versao2.pdf, de 24/04/2024):

RESUMO: Por meio dessa pesquisa procura-se investigar as motivações linguísticas e extralinguísticas que estão influenciando os tradutores-intérpretes da língua brasileira de sinais (TILS), a preferência pela direcionalidade direta: segunda língua ↗ primeira língua, algo que já ocorre com as línguas orais, corroborado através dos Estudos da Tradução (ET). Articulando pesquisas no campo específico e emergente ETILS com a perspectiva dialógica da linguagem fundamentada por Bakhtin e o Círculo, buscase explorar as dimensões formativas e subjetivas do profissional, sem desconsiderar aspectos socioculturais e os efeitos da intermodalidade da língua. O objetivo central é analisar e compreender as preferências de direcionalidade entre dois grupos diferentes, de forma a correlacionar os dados obtidos a partir da transcrição das entrevistas, vertical e horizontalmente. Será realizada, entrevista semiestruturada individual de modo remoto, com estudantes do curso TILSP (UFSCar) regularmente matriculados no último período e intérpretes atuantes há no mínimo 5 anos, mas sem formação específica na área. Com base nos resultados, propomos uma reavaliação no currículo das instituições formativas,

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

UF: SP

Município: SAO CARLOS

CEP: 13.565-905

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO CARLOS - UFSCAR



Continuação do Parecer: 6.866.301

que contemplem as competências necessárias requeridas na interpretação de Libras para o Português oral. Presumimos que a efetividade linguística inerente ao trabalho do intérprete bilíngue bimodal, perpassa transformações sociais e metodológicas de ensino na esfera acadêmica.

HIPÓTESE: Nossa hipótese é que intérpretes que passam pelo processo formativo formal universitário apresentam preferência de atuação na direcionalidade direta de interpretação, em contrapartida, intérpretes que não passaram por um processo formal institucionalizado, mas que foram formados pelo convívio com a comunidade surda, possuem preferência na direcionalidade indireta.

METODOLOGIA: Tomaremos a abordagem qualitativa para desenvolvermos esta pesquisa, buscando compreender e descrever as relações de um grupo social, orientando nossa análise com base teórica e dados empíricos. Ainda que sua aplicação se limite ao local (amostra reduzida), é possível aprofundar nas relações e produzir novos conhecimentos, captando o contexto do fenômeno em sua totalidade. Classifica-se este estudo quanto ao seu objetivo, como exploratório, por se tratar de um assunto relativamente novo, procuramos construir argumentos que fundamentem nossa hipótese, seguindo as etapas propostas por Gil (2007): levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que experimentaram/vivenciaram na prática as questões levantadas pelo problema pesquisado e por fim, com base nos exemplos coletados/observados, que induzam a análise e compreensão do problema de pesquisa. O instrumento a ser utilizado para obter os dados pertinentes a pesquisa, consiste em entrevistas semiestruturadas individuais que serão realizadas com dois grupos distintos em relação à variável anos de experiência e processo formativo. Ancora-se a adoção

deste procedimento metodológico, pois se mostra uma ferramenta adequada para a coleta de dados, favorecendo a qualidade da amostragem, em um tempo abreviado. A justificativa de optarmos pelo formato semiestruturado, é por ser um modelo mais flexível, onde apesar de existir um roteiro prévio para nortear nossa entrevista, os participantes convidados possam debater livremente sobre o tópico em específico, manifestando seu ponto de -vista intersubjetivamente.

Critério de Inclusão: Pretende-se recrutar cerca de 4 participantes, 2 em cada grupo, atendendo aos pré-requisitos de acordo com o perfil desejado da amostra. Os critérios previamente estabelecidos para o G(1) e o G(2) são assim definidos: G (1): estudantes do curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras/Língua Portuguesa, regularmente matriculados no último período/ano letivo, que tenham concluído no mínimo 2 estágios

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br

Página 02 de 07



obrigatórios. ç G (2): tradutores-intérpretes de Língua de Sinais (TILS) já atuantes com no mínimo 5 anos de experiência mas que não tenham formação específica em nível superior na área de tradução e interpretação.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar e compreender as preferências de direcionalidade na interpretação entre intérpretes no último ano da graduação que tenham concluído dois estágios obrigatórios e TILS experientes com no mínimo 5 anos de experiência que não possuam formação acadêmica na área

Objetivo Secundário:

Como objetivos secundários, esta pesquisa propõe: (i) elaborar uma comparação qualitativa entre as preferências dos dois grupos, correlacionando as informações obtidas; (ii) trazer uma análise discursiva das entrevistas realizadas; (iii) promover uma discussão acerca da preferência e o momento histórico de formação e atuação/práticas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os eventuais riscos que possam vir a ocorrer, são relativos ao psicológico dos participantes; ainda que as perguntas planejadas não sejam consideradas invasivas, reiteramos que relembrar algumas situações, podem causar desconforto emocional.

Benefícios:

Ao participar nessa ou em outras pesquisas acadêmicas, o sujeito contribui na construção do conhecimento científico, favorecendo as relações sociais dos envolvidos direta e indiretamente, apontando problemas e propondo melhorias. Além de favorecer e constituir um campo relativamente novo, denominado ETILS (Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais).

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa que deve seguir os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução CNS nº 510 de 2016 e suas complementares. Diante do exposto, o Comitê de ética em pesquisa - CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se por aguardar o atendimento às questões acima para emissão de seu parecer final.

De acordo com a Resolução CNS nº 466 de 2012 e a Norma Operacional nº 001 de 2013 do

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

UF: SP

Município: SAO CARLOS

CEP: 13.565-905

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO CARLOS - UFSCAR



Continuação do Parecer: 6.866.301

CNS, as pendências devem ser respondidas exclusivamente pelo pesquisador responsável no prazo de 30 dias, a partir da data de envio do parecer pelo CEP. A partir de 30 dias, encaminhar justificativa do atraso na submissão do projeto com as respostas às pendências. Após o prazo de 90 dias o protocolo não será aceito.

As respostas às pendências devem ser apresentadas em documento à parte (Em arquivo que deverá ser nomeado:

Carta_Resposta_versaoX). Anexar o arquivo na Plataforma Brasil como tipo de documento "Outros". Ressalta-se que deve haver resposta para cada uma das pendências apontadas no parecer, obedecendo à ordenação deste. Recomenda-se a leitura de todo o parecer para identificação das alterações necessárias.

Nos novos documentos anexados (Projeto completo, TCLE, etc.), devem estar destacados (grifados) nos documentos e em CAIXA ALTA na plataforma Brasil, todos os trechos que foram modificados. Todos os documentos, incluindo a Carta Resposta, devem permitir o uso dos recursos Copiar e Colar.

Todas as alterações/adequações devem ser realizadas em todos os documentos e devem ser destacadas/realçadas.

Anexar todos os documentos em formato PDF com recurso permitir copiar e colar.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Recomendações:

O texto básico para divulgação da pesquisa deve constar o título da pesquisa, objetivo geral, critérios básicos de inclusão do participante, nome do pesquisador(a) e seu contato, dados de aprovação da pesquisa pelo CEP (CAAE e data de aprovação). Atentar para as regras específicas de pesquisa em ambiente virtual, conforme Circular n. 1/2021, em que deve constar o link para acesso ao endereço eletrônico ou texto com as devidas instruções de envio.

Não pode haver informações sobre gratificações/bônus/compensação em formato de dinheiro ou objetos/brindes/doces para o participante da pesquisa (não inclui nestes ressarcimento de despesas como transportes, alimentação ou custos diretos e indiretos da pesquisa em ambiente virtual com utilização de ferramentas eletrônicas).

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 6.866.301

Atender as orientações da Conep sobre PROCEDIMENTOS EM PESQUISAS COM QUALQUER ETAPA EM AMBIENTE VIRTUAL. Este documento pode ser acessado na página do CEP UFSCar: <http://www.propq.ufscar.br/etica/cep>

A fim de evitar retrabalho tanto da parte dos pesquisadores quanto da parte da Secretaria e do Colegiado do CEP, bem como com intuito de AGILIZAR a tramitação dos protocolos de pesquisa, a Coordenação do CEP solicita encarecidamente aos pesquisadores que leiam integralmente e com muita atenção, cuidado e zelo TODAS AS INFORMAÇÕES presentes na página do CEP antes de encaminharem suas dúvidas à Secretaria e antes de submeterem a versão original e versões revisadas de seu protocolo de pesquisa à Plataforma Brasil. A página do CEP é atualizada rotineiramente, portanto, solicita-se que este procedimento seja repetido a cada nova submissão. Lembramos que na página do CEP constam várias informações a respeito de "dúvidas frequentes", "documentos obrigatórios para submissão", "instruções para submissão" e para evitar "pendências documentais", "tutoriais Plataforma Brasil" (acesso a manuais e a vídeos explicativos), "resoluções e normativas", "etapas e prazos do processo de apreciação ética", orientações para submissão de "emendas", "relatórios de pesquisa - orientações para elaboração e envio ao CEP", etc.

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Agradecemos as providências e os cuidados tomados pelos pesquisadores ao apresentarem a 2ª versão do protocolo de pesquisa ao CEP da UFSCar. Trata-se de análise de resposta ao parecer pendente n. 6.755.174 emitido pelo CEP em 10/04/2024.

Seguem abaixo as pendências listadas no parecer anterior do CEP e seu status (atendida, não atendida, parcialmente atendida).

Pendência 1: Atendida. Indica sobre o recrutamento dos participantes e afirma que o próprio orientador (autor do projeto, "com base em acervo próprio, direcionaremos o convite para recrutar estudantes que atendam as especificidades descritas acima (G1), através da divulgação por e-mail em parceria com a Coordenação do curso Bacharelado de Tradução e Interpretação em Libras da UFSCar. Em relação ao denominado G(2), utilizaremos a rede interna de contatos que compõe a SeTILS, constituída por intérpretes colaboradores, para

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
UF: SP Município: SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685 E-mail: cephumanos@ufscar.br

alcançarmos potenciais participantes, lembrando sempre que sua adesão é livre e voluntária".

Pendência 2: Sobre o TCLE:

2.1: Atendida. Assegurou o reembolso em relação ao uso da internet para os participantes.

2.2: Atendida. Complementou no TCLE texto sobre Segurança na transferência e armazenamento dos dados.

2.3: Atendida. Especificou ações para minimizar riscos da pesquisa em ambiente virtual. "Assim, a fim de evitar riscos relacionados às pesquisas em ambientes virtuais, tais como as limitações das tecnologias e da garantia de total confidencialidade, seu compartilhamento ficará restrito ao pesquisador, sendo que sua divulgação fora do âmbito desta pesquisa se configura como violação de direitos".

2.4: Atendida. Anexou Termo de Autorização para Uso de Imagem e encontra-se adequado.

2.5: Atendida. Descreveu no TCLE como os participantes terão acesso aos resultados da pesquisa.

2.6: Atendida. Descreveu sobre direito à indenização por eventuais danos causados pela pesquisa.

2.7: Atendida. Descreveu sobre garantia de assistência imediata aos participantes.

Pendência 3: Atendida. O cronograma foi modificado.

Desta forma, todas as pendências foram atendidas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de ética em pesquisa - CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, manifesta-se por considerar "Aprovado" o projeto. Conforme dispõe o Capítulo VI, Artigo 28, da Resolução Nº 510 de 07 de abril de 2016, a responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe, após aprovação deste Comitê de Ética em Pesquisa: II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido; III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção. Este relatório final deverá ser protocolado via notificação na Plataforma Brasil.

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
UF: SP Município: SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685 E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 6.866.301

OBSERVAÇÃO: Nos documentos encaminhados por Notificação NÃO DEVE constar alteração no conteúdo do projeto. Caso o projeto tenha sofrido alterações, o pesquisador deverá submeter uma "EMENDA".

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2292416.pdf	25/04/2024 14:16:10		Aceito
Outros	Termo_autorizacao_uso_da_imagem.pdf	24/04/2024 15:29:46	LETICIA HILDEBRAND MAGNO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Leticia_versao2.pdf	24/04/2024 15:12:53	LETICIA HILDEBRAND MAGNO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Leticia_versao2.pdf	24/04/2024 15:11:46	LETICIA HILDEBRAND MAGNO	Aceito
Outros	Carta_Resposta_versao1.pdf	24/04/2024 15:08:23	LETICIA HILDEBRAND MAGNO	Aceito
Folha de Rosto	Folha_De_Rosto_ASSINADA.pdf	29/02/2024 15:57:11	MARCUS VINICIUS BATISTA NASCIMENTO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 04 de Junho de 2024

Assinado por:
Sonia Regina Zerbetto
(Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br

ANEXO 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA / BACHARELADO EM TRADUÇÃO E
INTERPRETAÇÃO EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS LIBRAS/LÍNGUA
PORTUGUESA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Resolução 510/2016 do CNS)

PREFERÊNCIA POR DIRECIONALIDADE NA INTERPRETAÇÃO DO PAR
LINGUÍSTICO LIBRAS-PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE ENTRE ESTUDANTES DA
GRADUAÇÃO E INTÉRPRETES PROFISSIONAIS

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa “*Preferência por direcionalidade na interpretação do par linguístico Libras-português: uma análise entre estudantes da graduação e intérpretes profissionais*”.

- 1) O objetivo deste estudo é analisar e compreender as preferências de direcionalidade na interpretação entre intérpretes no último ano da graduação que tenham concluído dois estágios obrigatórios e ILS profissionais com no mínimo 5 anos de experiência que não possuam formação acadêmica na área;
- 2) O (a) senhor (a) foi selecionado (a) por se enquadrar em UM dos dois perfis acima descritos;
- 3) Sua participação é voluntária e não haverá compensação em dinheiro, isto é, a qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento;
- 4) Você receberá reembolso, se assim o desejar, relacionado ao uso da internet no momento da coleta de dados, sendo direito do participante assegurado através da Resolução 510/2026;
- 5) A sua recusa não trará nenhum prejuízo na sua relação profissional;
- 6) A entrevista será realizada de modo remoto, no dia e horário a que for mais confortável para o(a) senhor(a) por meio da plataforma de videoconferência *Google meet*, respeitando, assim, as orientações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa sobre procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual;
- 7) A entrevista será gravada pela plataforma Google Meet e será armazenada em dispositivo eletrônico local (*notebook*), por no máximo cinco anos, para que o pesquisador possa revisar os dados durante a transcrição e análise no período do estudo. Assim, a fim de

evitar riscos relacionados às pesquisas em ambientes virtuais, tais como as limitações das tecnologias e da garantia de total confidencialidade, seu compartilhamento ficará restrito ao pesquisador, sendo que sua divulgação fora do âmbito desta pesquisa se configura como violação de direitos.

8) As perguntas não serão invasivas. Entretanto, o(s) senhor(a) pode vivenciar desconfortos psicológicos ou emocionais durante a entrevista por lembrar situações, vivências e interações no contexto de trabalho que tenham sido desconfortáveis.

9) Você também poderá solicitar uma pausa durante a entrevista, e terá a liberdade de não responder as perguntas, podendo interromper a entrevista a qualquer momento;

10) Você terá direito de acesso prévio aos tópicos que serão abordados na entrevista;

11) É direito seu e dever do pesquisador, garantir assistência imediata e integral frente a complicações decorrentes e exclusivamente desta pesquisa, caso se sinta desconfortável, não hesite em falar.

12) O participante que vier a sofrer qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa, previsto ou não neste termo, têm direito à indenização.

13) Como procedimento para análise dos dados será realizado a transcrição do áudio de sua entrevista, por esse motivo se faz necessária a gravação. Para esse estudo solicitamos o uso de sua imagem e voz para análise posterior. Sua imagem será usada no trabalho de análise porque em alguns momentos o(a) senhor(a) poderá fazer uso de algum termo específico em Libras, que é uma língua de modalidade gesto-visual. Após a transcrição, uma cópia será encaminhada para seu e-mail a fim de validação das informações.

14) Sua imagem poderá ser divulgada em publicações, tendo em vista a modalidade linguística abordada pela pesquisa; por esta razão e se de acordo com as circunstâncias, o termo de consentimento para uso da imagem também deverá ser assinado.

15) Os dados coletados poderão ter seus resultados divulgados em eventos, revistas e/ou trabalhos científicos, livros, capítulos de livros e publicações na mesma natureza, pois espera-se que essa pesquisa contribua diretamente com a formação de tradutores de Libras.

16) O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o e-mail do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, em qualquer momento. É fundamental guardar uma cópia deste documento eletrônico.

17) Ao término desta pesquisa, os dados obtidos através da transcrição das entrevistas, bem como sua análise, serão descritos textualmente e apresentados para Banca examinadora;

após a defesa, antes que seja publicado, irei disponibilizar o material via link compartilhado no GoogleDrive, para que o (a) senhor (a) possa ter acesso.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-9685. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br.

Aceito participar da pesquisa

Não aceito participar da pesquisa

Pesquisador Responsável:

Prof. Dr. Marcus Vinícius Batista Nascimento

Endereço: Universidade Federal de São Carlos/Centro de Educação e Ciências Humanas/Departamento de Psicologia. Rod. Washington Luís, km 235, Jardim Guanabara. São Carlos, SP/Brasil. CEP: 05418000

Telefone: 11-98413-0181. E-mail: nascimento_v@ufscar.br

Pesquisadora participante:

Letícia Hildebrand Magno

Endereço: Rua Quinto Paladini, 94, Maria Stella Fagá, São Carlos, SP/Brasil.

CEP: 13568-330

Telefone: (16) 991766084. E-mail: leticiahmagno@gmail.com

Local e data: _____

Nome do Pesquisador

Assinatura do Pesquisador

Nome do Participante

Assinatura do Participante

ANEXO 3



Termo de Autorização para Uso de Imagem

Eu, _____, portador da Cédula de Identidade RG nº _____, inscrito no CPF sob nº _____, residente à Rua _____, nº _____, na cidade de _____, AUTORIZO o uso de minha imagem em fotos, sem finalidade comercial, para ser utilizada na apresentação do trabalho de conclusão de curso "PREFERÊNCIA POR DIRECIONALIDADE NA INTERPRETAÇÃO DO PAR LINGUÍSTICO LIBRAS-PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE ENTRE ESTUDANTES DA GRADUAÇÃO E INTÉRPRETES PROFISSIONAIS". A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

São Carlos, ___ de _____ de 2024.

Assinatura